



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

**A Revisão Integrativa Em Rede Da Literatura (Rirl) Como Proposta
Epistemológica: Fundamentos Onto-Metodológicos, Ganhos Analíticos E Potencial
Explicativo**

Jair Deivison Freire Amoras

Belém – Pará
2026

**A Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL) como Proposta
Epistemológica: Fundamentos Onto-Metodológicos, Ganhos Analíticos e Potencial
Explicativo**

Jair Deivison Freire Amoras

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do
Comportamento como requisito parcial
para a obtenção do Título de Mestre.

Orientador: Prof^o Dr. Fernando Augusto
Ramos Pontes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

A524r Amoras, Jair Deivison Freire, 1997-
A revisão integrativa em Rede da Literatura (RIRL)
como proposta epistemológica: fundamentos onto-
metodológicos, ganhos analíticos e potencial explicativo /
Jair Deivison Freire Amoras. — 2026.
72 f.: il.

Orientador: Fernando Augusto Ramos Pontes
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de
Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em
Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2026.

1. Método da Pesquisa Científica. 2. Revisão Integrativa. 3. Análise
de redes. 4. Epistemologia. I. Título.

CDD - 23. ed. — 001.4

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva – CRB-2/780

**O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.**

**This study was financed in part by the Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil
(CAPES) - Finance Code 001.**

Jair Deivison Freire Amoras, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do
Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil.

Contato: Jair Deivison Freire Amoras.

Mail: jdfreireamoras@gmail.com



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Defesa de Mestrado

“A Revisão Integrativa Em Rede da Literatura (RIRL) Como Proposta Epistemológica: Fundamentos Onto- metodológicos, Ganhos Analíticos e Potencial Explicativo.”

Aluno: Jair Deivison Freire Amoras.

Data da Defesa: 10 de agosto de 2026.

Resultado: Aprovado.

Banca Examinadora:

Profº Drº Fernando Augusto Ramos Pontes (orientador – UFPA).

Profª Drª Simone Souza da Costa Silva (membro 1 – UFPA).

Profª Dra Emmanuelle Pantoja Silva (membro 2 – UFPA).

**Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para
Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA**

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor*: Jair Deivison Freire Amoras

Vínculo com a UFPA: () Servidor; (X) Discente
Comportamento

Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do

Sub Unidade: Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tipo do documento: () Tese; (X) Dissertação; () Livro; () Capítulo de Livro; () Artigo de Periódico;
() Trabalho de Evento; () Outro. Especifique: _____

Título do Trabalho: A Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL) como Proposta Epistemológica:
Fundamentos Onto-Metodológicos, Ganhos Analíticos e Potencial Explicativo

Data da Defesa: 10 / 08 / 2026 Área do Conhecimento: Ecoetologia

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

- a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

(X) Sim

() Não

Permitir modificações em sua obra?

(X) Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

() Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

() Sim

(X) Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém(PA), 08/08/2026

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Autor

Documento assinado digitalmente
 JAIR DEIVISON FREIRE AMORAS
Data: 08/08/2026 18:46:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

A todo homem que precisa de uma mãe — e à minha, que nunca faltou.

AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos à minha mãe, Elizabete Freire, que sempre me apoiou nas mais impensadas decisões que já tomei na vida. Ela me ensinou a olhar a vida com carinho e positividade, sempre me dando a incerta certeza de que tudo terminaria bem, nunca falhou. É nosso os choros de verdadeira tristeza ou alegria desde o jardim de infância, creche, ensino fundamental, médio, graduação e agora mestrado. Amo você.

A minha família que, do seu jeitinho, é a minha rede de apoio emocional quando eu preciso. Eles têm parte nisso. À minha prima Karina, um obrigado especial, nossa história se iniciou antes mesmo de eu nascer e aqui estamos, com a certeza de que tudo se resolve, tudo é amor.

Ao Jorge Henrique que nunca, nem por um segundo, duvidou da minha capacidade de perseguir os objetivos mais desafiadores na minha vida pessoal, acadêmica e profissional, quando a ansiedade batia na porta e eu permitia sua entrada, ele me fazia companhia nessa inconveniente visita. Um abraço reconfortante. Um lugar de autêntica amizade. Um porto seguro.

Aos membros do Laboratório de Análise de Redes (LAR) ao qual faço parte, vocês me ensinaram que o trabalho, até o mais pesado, se torna leve com as pessoas certas. Todas as reuniões e coletas foram mais serenos ao lado de vocês. Os cafés despretensiosos no Veropesinho, as filas no RU, as conversas mais profundas, tudo isso atesta a nossa amizade. Muito obrigado!

Ao professor Fernando, o homem que uso de exemplo em minhas aulas e discursos (e até para meu próprio comportamento) sobre comprometimento e ensino. Considero-o como uma figura paterna que, com certeza, tive muita sorte de ter em minha história acadêmica. A **paciência** é uma de suas principais virtudes e compreensão também, me amparou nas dúvidas e incertezas, me acolheu nas tempestades de coletas, escritas e trabalho, e me orientou ainda assim. Muito obrigado professor!

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, aqui encontrei pessoas gentis e competentes, dispostas a ouvir, auxiliar e orientar, tudo aqui fica mais seguro quando estamos exatamente onde devemos estar.

*“If men define situations as real, they
are real in their consequences.”*

Thomas, W. I., & Thomas, D. S. (1928).
*The child in America: Behavior
problems and programs* (p. 572). Alfred
A. Knopf.

Amoras, J. D. F. (2026). A Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL) como Proposta Epistemológica: Fundamentos Onto-Metodológicos, Ganhos Analíticos e Potencial Explicativo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém-PA, 72 p.

RESUMO

O crescimento exponencial da produção científica exige métodos de síntese cada vez mais sofisticados. A Revisão Integrativa (RI) consolidou-se como uma ferramenta poderosa por sua capacidade de agrupar estudos de diferentes delineamentos. Contudo, a RI tradicional frequentemente esbarra em limitações ao tentar sintetizar uma heterogeneidade empírica sob uma lógica analítica puramente agregativa e categorial. Esta dissertação propõe uma sistematização de uma Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL) como uma evolução não apenas metodológica, mas epistemológica. Em sua proposta desloca-se o foco da "substância" para a "relação", a RIRL utiliza a análise de redes para mapear as interações entre variáveis, conceitos e evidências. Argumenta-se que a RIRL promove um avanço estruturado em três níveis: (1) validação onto-metodológica, (2) validação analítica (transição da categorização para a topologia estrutural) e (3) validação explicativa (modelagem de mecanismos). Para fins de demonstração deste novo modelo de integração de achados da literatura, na forma de manuscrito que se segue, analisa-se a literatura do modelo de rede social denominado de Estrutura social cognitiva, a novidade e complexidade envolvida nesse modelo proporciona uma validação do RIRL, propondo um novo protocolo de seis etapas adaptado para a modelagem em redes, posicionando a RIRL como um instrumento essencial para a compreensão de fenômenos complexos contemporâneos. Entende-se ao

final que a RIRL possibilita uma nova noção de integração da literatura mais aproximada de uma perspectiva sistêmica de ciência.

Palavras-chave: Revisão Integrativa; Análise de Redes; Epistemologia; Teoria dos Grafos; Síntese de Evidências.

Amoras, J. D. F. (2026). The Network-Integrated Literature Review (NILR) as an Epistemological Proposal: Onto-Methodological Foundations, Analytical Gains, and Explanatory Potential. Master's Thesis. Graduate Program in Behavior Theory and Research. Belém-PA, 72 pages.

ABSTRACT

The exponential growth of scientific production demands increasingly sophisticated synthesis methods. The Integrative Review (IR) has established itself as a powerful tool due to its capacity to group together studies of different designs. However, the traditional IR frequently runs into limitations when attempting to synthesize empirical heterogeneity under a purely aggregative and categorial analytical logic. This dissertation proposes the systematization of a Network-Integrated Literature Review (NILR) as an evolution that is not merely methodological, but epistemological. In shifting the focus from “substance” to “relation,” the NILR employs network analysis to map the interactions among variables, concepts, and evidence. It is argued that the NILR promotes a structured advancement on three levels: (1) onto-methodological validation, (2) analytical validation (the transition from categorization to structural topology), and (3) explanatory validation (the modeling of mechanisms). To demonstrate this new model for integrating literature findings, in the form of the manuscript that follows, the literature on the social network model known as Cognitive Social Structure is analyzed; the novelty and complexity involved in this model provide a validation of the NILR, proposing a new six-stage protocol adapted for network modeling and positioning the NILR as an essential instrument for understanding complex contemporary phenomena. It is understood, in the end, that the NILR enables a new notion of literature integration, one more closely aligned with a systemic perspective of science.

Keywords: Integrative Review; Network Analysis; Epistemology; Graph Theory; Evidence Synthesis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARS Análise de Redes Sociais

CSS Cognitive Social Structure

ESC Estrutura Social Cognitiva

NILR Network Integrative Literature Review

PRISMA Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses

RI Revisão Integrativa

RIRL Revisão Integrativa em Rede da Literatura

SUMÁRIO

1	ESTUDO 1 - A Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL) como Proposta Epistemológica: Fundamentos Onto-Metodológicos, Ganhos Analíticos e Potencial Explicativo	15
1.1	Introdução: Da Síntese de Evidências à Problemática Epistemológica	17
1.2	O Estado da Arte das Revisões de Literatura e os Limites da Integração Tradicional	19
1.3	A Virada Relacional: Fundamentos Epistemológicos da RIRL	21
1.4	Validação Analítica: Da Categorização à Estrutura Topológica	22
1.5	Validação Explicativa: Da Síntese à Modelagem de Mecanismos	28
1.6	Proposta de Protocolo para a RIRL: Integrando Tradição e Inovação	29
1.7	Mudança de Paradigma e uma Proposta de Trabalho	31
	REFERÊNCIAS	33
2	ESTUDO 2 – Revisão Integrativa em Rede da Literatura de Estrutura Social Cognitiva	38
2.1	Introdução	39
2.2	Método	43
2.2.1	Delineamento do estudo	43
2.2.2	Questão de pesquisa e orientação analítica	43
2.2.3	Estratégia de busca e fontes de informação	44
2.2.4	Critérios de inclusão e exclusão	44
2.2.5	Processo de triagem e seleção dos estudos	44
2.2.6	Extração das informações e unidades de análise	45
2.2.7	Construção das categorias analíticas	46
2.2.8	Modelagem da rede integrativa da literatura	47
3	RESULTADOS	48
3.1	Revisão integrativa de rede da ESC	56
4	DISCUSSÃO	64
5	CONCLUSÕES	66
	REFERÊNCIAS	68

1 ESTUDO 1- A Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL) como Proposta Epistemológica: Fundamentos Onto-Metodológicos, Ganhos Analíticos e Potencial Explicativo

Resumo

O crescimento exponencial da produção científica exige métodos de síntese cada vez mais sofisticados. A Revisão Integrativa (RI) consolidou-se como uma ferramenta poderosa por sua capacidade de agrupar estudos de diferentes delineamentos. Contudo, a RI tradicional frequentemente esbarra em limitações ao tentar sintetizar uma heterogeneidade empírica sob uma lógica analítica puramente agregativa e categorial. Esta dissertação propõe uma sistematização de uma Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL) como uma evolução não apenas metodológica, mas epistemológica. Em sua proposta desloca-se o foco da "substância" para a "relação", a RIRL utiliza a análise de redes para mapear as interações entre variáveis, conceitos e evidências. Argumenta-se que a RIRL promove um avanço estruturado em três níveis: (1) validação onto-metodológica, (2) validação analítica (transição da categorização para a topologia estrutural) e (3) validação explicativa (modelagem de mecanismos). Para fins de demonstração deste novo modelo de integração de achados da literatura, na forma de manuscrito que se segue, analisa-se a literatura do modelo de rede social denominado de Estrutura social cognitiva, a novidade e complexidade envolvida nesse modelo proporciona uma validação do RIRL, propondo um novo protocolo de seis etapas adaptado para a modelagem em redes, posicionando a RIRL como um instrumento essencial para a compreensão de fenômenos complexos contemporâneos. Entende-se ao final que a RIRL possibilita uma nova noção de integração da literatura mais aproximada de uma perspectiva sistêmica de ciência.

Palavras-chave: Revisão Integrativa; Análise de Redes; Epistemologia; Teoria dos Grafos; Síntese de Evidências.

**The Network-Integrated Literature Review (NILR) as an Epistemological
Proposal: Onto-Methodological Foundations, Analytical Gains, and Explanatory
Potential
Abstract**

The exponential growth of scientific production demands increasingly sophisticated synthesis methods. The Integrative Review (IR) has established itself as a powerful tool due to its capacity to group together studies of different designs. However, the traditional IR frequently runs into limitations when attempting to synthesize empirical heterogeneity under a purely aggregative and categorial analytical logic. This dissertation proposes the systematization of a Network-Integrated Literature Review (NILR) as an evolution that is not merely methodological, but epistemological. In shifting the focus from “substance” to “relation,” the NILR employs network analysis to map the interactions among variables, concepts, and evidence. It is argued that the NILR promotes a structured advancement on three levels: (1) onto-methodological validation, (2) analytical validation (the transition from categorization to structural topology), and (3) explanatory validation (the modeling of mechanisms). To demonstrate this new model for integrating literature findings, in the form of the manuscript that follows, the literature on the social network model known as Cognitive Social Structure is analyzed; the novelty and complexity involved in this model provide a validation of the NILR, proposing a new six-stage protocol adapted for network modeling and positioning the NILR as an essential instrument for understanding complex contemporary phenomena. It is understood, in the

end, that the NILR enables a new notion of literature integration, one more closely aligned with a systemic perspective of science.

Keywords: Integrative Review; Network Analysis; Epistemology; Graph Theory; Evidence Synthesis.

1.1 Da Síntese de Evidências à Problemática Epistemológica

Introdução

O acúmulo de conhecimento científico produzido pela humanidade tornou-se um grande desafio no processo de síntese. Estima-se que o volume de publicações acadêmicas dobre a cada nove anos (Larsen & Von Ins, 2010), configurando o que Eppler e Mengis (2004) descrevem como um cenário de sobrecarga informacional, no qual a dificuldade não está apenas em acessar o conhecimento, mas em apreender a sua arquitetura. Morin (2005) já advertia que a hiperespecialização fragmentou o saber em disciplinas estanques, criando a necessidade de abordagens capazes de religar conhecimentos dispersos. Nesse contexto, as revisões de literatura deixam de ser meros exercícios de catalogação e assumem o estatuto de dispositivos epistemológicos: são elas que estruturam o que conta como conhecimento, como ele é integrado e quais formas de explicação se tornam possíveis (Snyder, 2019; Torraco, 2005).

Diante desse cenário, todo pesquisador que se dispõe a revisar a literatura de um campo enfrenta, em algum momento, uma escolha que raramente é explicitada. Diante de dezenas ou centenas de estudos, ele pode perguntar a que tema cada trabalho pertence e, a partir daí, organizá-los em categorias, ou pode perguntar com o que cada achado se conecta e mapear as relações que atravessam o conjunto. A primeira pergunta produz um inventário do que se sabe; a segunda, um modelo de como esse saber se organiza. Os estudos são exatamente os mesmos nos dois casos, mas aquilo que se torna visível a partir

deles é profundamente diferente. Esta dissertação trata dessa segunda forma de olhar e das consequências que ela traz para a prática das revisões de literatura.

Historicamente, o esforço de síntese respondeu a essas demandas com ganhos progressivos de rigor. As revisões narrativas, úteis para a construção de quadros teóricos gerais, mostraram-se frágeis diante do viés de seleção do autor (Ercole, Melo, & Alcoforado, 2014; Rother, 2007). As revisões sistemáticas e as meta-análises trouxeram replicabilidade e controle de vieses, mas ao custo de perguntas fechadas e delineamentos homogêneos, tipicamente ensaios clínicos randomizados (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008). A Revisão Integrativa da Literatura (RI) emergiu como resposta a essa restrição, justamente por acolher evidências oriundas de delineamentos experimentais e não experimentais, quantitativos e qualitativos, teóricos e empíricos (Soares et al., 2014; Souza, Silva, & Carvalho, 2010; Whitemore & Knafl, 2005). Ao fazê-lo, reconheceu que a heterogeneidade metodológica não é um defeito a ser eliminado, mas uma característica constitutiva do conhecimento produzido nas ciências humanas, sociais e da saúde.

Ampliar o escopo, contudo, não significa aprofundar a lógica da síntese. Como argumenta Torracco (2005), muitas revisões integrativas permanecem em um nível descritivo, sem alcançar a construção de modelos conceituais robustos. A razão para isso parece ser menos operacional do que epistemológica. A solução tradicional para integrar achados heterogêneos tem sido a categorização temática: os resultados são agrupados por semelhança, dispostos em quadros e matrizes e discutidos narrativamente (Souza et al., 2010). Essa estratégia funciona enquanto o campo é pequeno e relativamente homogêneo, mas cobra um preço alto quando os fenômenos são complexos. Ao classificar, ela também simplifica: relações são convertidas em atributos, dinâmicas em categorias estáticas, e o vetor de interação entre variáveis, que muitas vezes é o achado mais relevante dos estudos primários, dissolve-se na justaposição de resultados. A RI,

apesar de seu potencial, permanece assim ancorada em uma ontologia substantiva, na qual o conhecimento é concebido como coleção de conteúdos, e não como sistema de relações.

É nesse ponto de inflexão que se insere a Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL), proposta a partir do trabalho de da Silva Dias et al. (2020). Mais do que o acréscimo de uma técnica ou de um software analítico, a RIRL constitui uma reorientação epistemológica da prática de revisão, ao deslocar o foco da substância para a relação. Em vez de perguntar apenas quais resultados a literatura apresenta, ela investiga como esses resultados se conectam. Variáveis, conceitos, intervenções e desfechos são modelados como nós de uma rede, e as associações empíricas descritas nos artigos tornam-se as arestas que os ligam. Com isso, a heterogeneidade dos estudos deixa de ser forçada em categorias homogeneizantes e passa a ser preservada dentro de uma estrutura relacional comum, passível de uma modelagem matemática via grafos, produzindo métricas e visual que permitam a auditoria dos dados e análises.

Entende-se que essa abordagem possibilita um avanço qualitativo nas revisões de literatura, e que tal avanço pode ser descrito em três níveis articulados: uma validação ontometodológica, na qual a ontologia relacional do fenômeno encontra correspondência simétrica no método de análise; uma validação analítica, que substitui a categorização subjetiva pela identificação de propriedades estruturais emergentes da rede; e uma validação explicativa, que permite avançar da descrição de achados para a modelagem de mecanismos, caminhos de influência e circuitos de retroalimentação.

1.2 O Estado da Arte das Revisões de Literatura e os Limites da Integração Tradicional

No panorama dos métodos de revisão de literatura existentes a literatura contemporânea aponta uma vasta tipologia de revisões. Grant e Booth (2009) identificam até 14 tipos diferentes de revisão da literatura científica, incluindo a narrativa, a sistemática, a de escopo (*scoping review*), a de mapeamento e a integrativa.

A revisão narrativa (ou tradicional) não utiliza critérios explícitos e sistemáticos, estando sujeita ao viés de seleção do autor, sendo útil para a construção de quadros teóricos gerais, mas frágil para a síntese rigorosa de evidências (Ercole et al., 2014; Rother, 2007). A revisão sistemática, por sua vez, exige a aplicação de estratégias científicas rigorosas para limitar vieses, avaliar criticamente os artigos e, por vezes, aplicar técnicas estatísticas (meta-análise) para quantificar o efeito de um tratamento (Mendes et al., 2008).

No entanto, problemas complexos frequentemente não podem ser respondidos apenas por estudos experimentais. É aqui que a Revisão Integrativa (RI) ganha força. Ela é definida como o método mais amplo de revisão, permitindo a inclusão de múltiplas epistemologias (Soares et al., 2014; Sousa et al., 2018). A construção de uma RI tradicional obedece, classicamente, a seis etapas rigorosas: (1) elaboração da pergunta norteadora; (2) busca ou amostragem na literatura; (3) coleta de dados; (4) análise crítica dos estudos; (5) discussão dos resultados; e (6) apresentação da revisão (Mendes et al., 2008; Souza et al., 2010).

Apesar do rigor formal em suas etapas, a RI traz consigo um problema analítico fundamental: a heterogeneidade empírica e epistemológica dos estudos incluídos. Quando integra pesquisas produzidas sob diferentes paradigmas, como a fenomenologia, o positivismo, o construtivismo, a RI enfrenta o desafio de articular resultados que não compartilham os mesmos pressupostos ontológicos, metodológicos ou de linguagem científica (Soares et al., 2014).

Whittemore e Knafl (2005) reconhecem essa dificuldade ao apontar a necessidade de estratégias mais sofisticadas de integração de dados, alertando para o risco de imprecisão, falta de rigor ou viés na fase de análise. Torracó (2005) corrobora essa visão, argumentando que muitas revisões falham em transformar diversidade empírica em coerência teórica. Esse problema pode ser entendido como reflexo de uma tensão mais profunda entre dois polos. De um lado, está a heterogeneidade empírica: a riqueza e a diversidade dos dados qualitativos e

quantitativos levantados. De outro, está a homogeneidade analítica exigida pela síntese, ou seja, o formato padronizado que o método tradicional de revisão impõe para apresentar resultados de forma legível.

A solução tradicional para esse tensionamento na fase de "Análise e Interpretação dos Dados" (Etapas 4 e 5 da RI) tem sido a categorização temática. O revisor agrupa os resultados em matrizes ou subgrupos baseados em similaridade (Souza et al., 2010). Contudo, essa estratégia implica uma severa redução da complexidade. Ao forçar a categorização, a RI tradicional trata relações como atributos e dinâmicas como categorias estáticas.

Assim, embora a revisão integrativa amplie o escopo da síntese, ela frequentemente não altera sua lógica analítica fundamental, permanecendo ancorada em uma epistemologia substantiva, agregativa e linear, onde "A" e "B" são relatados de forma justaposta, perdendo-se o vetor de interação entre eles.

1.3 A Virada Relacional: Fundamentos Epistemológicos da RIRL

A principal contribuição da RIRL reside na adoção explícita de uma epistemologia relacional. Nessa perspectiva, inspirada em uma abordagem sistêmica, os fenômenos não são definidos por propriedades intrínsecas ou categorias estanques, mas pelas relações, associações e interações que estabelecem entre si.

No contexto da síntese de evidências, essa mudança implica uma redefinição do próprio objeto da revisão. A literatura cessa de ser concebida como um conjunto de resultados independentes guardados em "gavetas" temáticas. Ela passa a ser entendida como uma rede de associações empíricas e conceituais entre variáveis, intervenções, contextos e desfechos.

Essa reconceitualização resolve, em grande medida, o problema da heterogeneidade epistemológica enfrentado pela RI tradicional. Em vez de forçar a homogeneização categorial de estudos dispares, a RIRL permite preservar a diversidade empírica dentro de uma estrutura

relacional comum. Se um estudo qualitativo identifica que a ansiedade agrava a percepção de dor, e um ensaio clínico quantitativo identifica que o uso de opioides reduz a percepção de dor, ambos os estudos não precisam ser forçados na mesma categoria temática genérica ('Manejo da Dor'). Eles são mapeados como nós (Ansiedade, Percepção de Dor, Opioides) conectados por arestas com valências específicas (aumenta/reduz) dentro de uma mesma topologia.

Metodologicamente, essa ontologia relacional é operacionalizada por meio da Análise de Redes Sociais e Complexas (SNA/CNA), na qual as variáveis do estudo são representadas como *nós* (vértices) e as descobertas que as ligam são representadas como *arestas* (conexões). Esse procedimento não apenas preserva as associações empíricas descritas nos estudos primários, como também permite analisá-las de forma matemática e visual sistemática.

Nesse sentido, a RIRL promove a primeira de suas três validações estruturais. A validação onto-metodológica, ao alinhar simetricamente uma ontologia relacional, onde o fenômeno é visto como uma rede de interdependências. É uma metodologia relacional, utilizando análise de grafos e topologia de redes para extrair, tratar e visualizar os dados da literatura. Esse alinhamento supera a disjunção clássica apontada por Soares et al. (2014), em que há um descompasso entre a real complexidade do fenômeno estudado pela enfermagem e outras ciências, e a simplicidade dos métodos analíticos convencionais baseados em quadros sinóticos.

1.4 Validação Analítica: Da Categorização à Estrutura Topológica

Nas últimas décadas, diferentes campos do conhecimento têm experimentado uma importante mudança epistemológica, frequentemente denominada de **virada relacional** (*relational turn*). Essa perspectiva representa um deslocamento do foco analítico das entidades isoladas para as relações que elas estabelecem, partindo do pressuposto de que muitos fenômenos não podem ser plenamente compreendidos pela simples análise de seus componentes

individuais, mas pela organização das interações que constituem o sistema como um todo (Emirbayer, 1997). Sob essa ótica, os atributos dos fenômenos deixam de ser entendidos como propriedades exclusivamente intrínsecas e passam a ser concebidos como produtos das relações de interdependência estabelecidas entre seus elementos.

Essa perspectiva possui forte convergência com a Teoria Geral dos Sistemas, segundo a qual os sistemas constituem totalidades organizadas cujas propriedades emergem das interações entre seus componentes, não sendo redutíveis à soma das características individuais de cada parte (Bertalanffy, 1968). De forma complementar, o pensamento complexo enfatiza que os fenômenos naturais e sociais são caracterizados por processos dinâmicos, não lineares e multidimensionais, nos quais causalidades múltiplas e relações recursivas produzem propriedades emergentes que escapam às abordagens analíticas fragmentadas (Capra, 1996, 2006; Morin, 2005). Em conjunto, essas perspectivas compartilham a compreensão de que as relações constituem uma dimensão explicativa fundamental da realidade, exigindo modelos capazes de representar padrões de interdependência e organização.

No campo da produção científica, essa mudança epistemológica também alcança os métodos de síntese do conhecimento. Tradicionalmente, as revisões de literatura organizam os estudos por categorias temáticas, populações, intervenções ou delineamentos metodológicos. Embora essa estratégia facilite a organização das evidências, ela tende a fragmentar fenômenos complexos ao privilegiar classificações baseadas em atributos, reduzindo a visibilidade das interações existentes entre variáveis, mecanismos, contextos e desfechos investigados pelos estudos primários. Booth, Sutton e Papaioannou (2016) destacam que o avanço metodológico nas revisões de literatura depende criticamente da incorporação de estratégias analíticas mais sofisticadas. A análise de redes oferece esse salto quantitativo e qualitativo ao permitir a identificação de padrões estruturais que não são acessíveis por meio de abordagens lineares ou

leituras sequenciais (narrativas).

É nesse contexto que se insere a Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL). Sua principal contribuição reside na adoção explícita de uma epistemologia relacional, segundo a qual os fenômenos deixam de ser definidos exclusivamente por propriedades intrínsecas ou categorias estanques e passam a ser compreendidos a partir das relações, associações e interdependências estabelecidas entre seus elementos. Essa perspectiva encontra sua principal operacionalização metodológica na Análise de Redes Sociais (ARS) e, mais recentemente, na Nova Ciência das Redes (Barabási, 2016; Wasserman & Faust, 1994), campo interdisciplinar que utiliza a Teoria dos Grafos como linguagem matemática para representar, modelar e analisar sistemas complexos compostos por elementos interconectados (Barabási, 2016; Borgatti et al., 2018; Newman, 2018). Nessa abordagem, o interesse analítico desloca-se dos atributos individuais para a estrutura das conexões, permitindo compreender como padrões de interação condicionam o funcionamento e a dinâmica dos sistemas.

No contexto da síntese de evidências, essa mudança implica uma redefinição do próprio objeto da revisão. A literatura deixa de ser concebida como um conjunto de resultados independentes organizados em categorias temáticas relativamente isoladas e passa a ser entendida como uma rede de associações empíricas e conceituais entre variáveis, intervenções, contextos e desfechos. Sob essa perspectiva, cada variável ou conceito corresponde a um nó da rede, enquanto as evidências empíricas extraídas dos estudos primários constituem as arestas que conectam esses nós. Essa representação preserva simultaneamente o conteúdo dos achados e sua estrutura relacional, possibilitando que a literatura seja analisada como um sistema complexo de interdependências e não apenas como uma coleção de estudos independentes.

Metodologicamente, essa ontologia relacional é operacionalizada por meio da Teoria dos Grafos, fundamento matemático da Análise de Redes Sociais e da Nova Ciência das Redes. Nessa representação, variáveis, conceitos ou fenômenos identificados na literatura são modelados como vértices (nós), enquanto as associações empíricas descritas pelos estudos primários são representadas como arestas (conexões). Essa formalização permite preservar as relações originalmente observadas e submetê-las a análises topológicas, matemáticas e computacionais capazes de identificar padrões estruturais, comunidades, centralidades, caminhos, conectividade e propriedades emergentes da rede (Barabási, 2016; Newman, 2018). Assim, a RIRL ultrapassa a organização temática convencional e incorpora instrumentos analíticos capazes de investigar não apenas **quais** variáveis aparecem na literatura, mas **como** elas se relacionam e quais ocupam posições estruturais mais relevantes na organização do conhecimento científico.

Na RIRL, a quarta etapa da revisão integrativa clássica, dedicada à avaliação crítica e à análise dos dados, é enriquecida pela extração de métricas de rede, entre as quais se destacam a centralidade, a modularidade e a densidade. A centralidade de grau (*degree centrality*) expressa a importância estrutural de uma variável no corpo da literatura: um nó com muitas conexões representa um conceito amplamente estudado e associado a diversos outros fatores, funcionando como um dos *hubs* do conhecimento acumulado sobre o tema (Borgatti, 2005; Borgatti & Everett, 2006; Freeman, 1977, 1978). Já a centralidade de intermediação (*betweenness centrality*) revela algo distinto, o papel mediador que uma variável exerce no fluxo de causalidade ou de informação (Freeman, 1977, 1978). Variáveis com alta intermediação atuam como pontes entre subcampos da literatura ou entre intervenções e desfechos e, precisamente por ocuparem essa posição estratégica, constituem alvos privilegiados para futuras pesquisas de mecanismos.

A análise de modularidade, por sua vez, permite que comunidades de variáveis emergjam de forma orgânica e matematicamente fundamentada, agrupando aquelas que tendem a interagir conjuntamente (Newman & Girvan, 2004; Newman, 2006). A diferença em relação à revisão tradicional é substancial: em vez de o revisor impor categorias subjetivas definidas a priori, o algoritmo identifica os agrupamentos estruturais presentes nos próprios dados. Por fim, a densidade avalia o nível de integração do sistema de conhecimento como um todo (Wasserman & Faust, 1994). Uma literatura de baixa densidade relacional sinaliza um campo fragmentado, composto por estudos que pouco dialogam entre si, ao passo que uma alta densidade indica uma área madura, na qual o comportamento das variáveis já se encontra amplamente mapeado.

Do ponto de vista epistemológico, a RIRL representa uma transição em pelo menos três eixos da lógica que tradicionalmente orienta as revisões de literatura. O primeiro deslocamento vai de uma lógica atributiva para uma lógica estrutural: o foco analítico deixa de recair sobre a descrição das características de cada artigo (autoria, ano, delineamento, amostra) e passa a incidir sobre a estrutura do conhecimento que o artigo aporta, isto é, sobre as relações entre variáveis que ele documenta e que se integram a uma rede mais ampla.

O segundo deslocamento conduz de uma lógica frequencial para uma lógica relacional. Nas sínteses convencionais, a relevância de um tema tende a ser inferida do número de estudos que o abordam; na RIRL, o que importa não é apenas quantos estudos tratam do tema X, mas com o que esse tema se conecta de forma consistente ao longo do corpus. Um construto pouco frequente, porém, situado em posição estratégica na rede, pode revelar-se mais informativo do que um construto exaustivamente estudado em relações redundantes.

O terceiro deslocamento, talvez o mais significativo, é a passagem de uma lógica descritiva para uma lógica emergente. As categorias de síntese deixam de ser impostas pelo viés interpretativo do pesquisador e passam a emergir da matemática inerente às interações empíricas reportadas na literatura. O revisor não abandona seu papel interpretativo, mas o exerce sobre uma estrutura objetivamente derivada dos dados, e não sobre uma taxonomia construída a priori.

Essa tripla transição encontra respaldo na proposição de Torracco (2005), para quem as revisões integrativas devem aspirar à criação de novos modelos ou frameworks conceituais, e não se limitar à sumarização do estado da arte. A RIRL não apenas atende a essa recomendação, como operacionaliza esse imperativo, na medida em que provê os insumos matemáticos e as representações visuais (os grafos) necessários à construção estruturada de modelos sistêmicos. É precisamente nesse ponto que a RIRL atinge sua validação analítica: o produto da revisão deixa de ser uma narrativa organizada sobre a literatura e converte-se em um modelo formal do conhecimento acumulado, passível de inspeção, crítica e refinamento pela comunidade científica.

Em síntese, a RIRL promove a primeira de suas três validações estruturais: a **validação onto-metodológica**. Essa validação decorre do alinhamento entre uma ontologia relacional, que compreende o fenômeno como uma rede de interdependências, e uma metodologia igualmente relacional, fundamentada na Teoria dos Grafos e operacionalizada pela Análise de Redes Sociais e pela Nova Ciência das Redes para extrair, organizar, representar e analisar as evidências disponíveis na literatura. Esse alinhamento reduz a disjunção entre a complexidade inerente aos fenômenos investigados e os instrumentos utilizados para estudá-los, respondendo às críticas dirigidas às revisões tradicionais, cuja organização predominantemente categorial frequentemente simplifica excessivamente relações complexas entre variáveis (Soares et al., 2014).

1.5 Validação Explicativa: Da Síntese à Modelagem de Mecanismos

Se a validação analítica amplia o poder descritivo da revisão, a validação explicativa eleva o seu potencial teórico e preditivo. Com ela, a RIRL permite avançar da simples identificação de padrões na literatura para a modelagem de mecanismos, aproximando a revisão de um patamar propriamente explicativo, o da geração de teoria. Snyder (2019) pontua que as revisões de literatura não devem ser cemitérios de dados agregados, mas plataformas para o desenvolvimento teórico, capazes de transitar da descrição para a explicação. Esse trânsito, contudo, raramente se completa nas sínteses tradicionais. Dado o limite cognitivo humano para processar dezenas de variáveis simultaneamente, as discussões da quinta etapa da RI clássica tendem a se restringir a inferências causais simples, do tipo "A causa B", deixando de fora justamente as dinâmicas que caracterizam os fenômenos complexos.

Ao processar os dados em rede, a RIRL torna visíveis dinâmicas que permanecem latentes no conhecimento agregado. A mais imediata delas são os caminhos de influência (*pathways*): o mapeamento permite seguir cadeias de eventos que nenhum estudo isolado descreveu por inteiro. Uma intervenção A pode não afetar diretamente o desfecho C, mas afetar B, que por sua vez altera C; se a relação $A \rightarrow B$ foi documentada em um artigo empírico e a relação $B \rightarrow C$ em outro, a RIRL funde esses saberes e revela o caminho indireto $A \rightarrow B \rightarrow C$, que existia na literatura apenas de forma dispersa. A topologia da rede também evidencia relações de mediação e moderação, expondo graficamente as variáveis que modulam o efeito das intervenções e apontando as regiões em que a evidência é contraditória, como quando arestas de polaridade positiva e negativa, oriundas de estudos distintos, incidem sobre um mesmo nó. Há ainda os circuitos de retroalimentação: sistemas biológicos, sociais e de saúde são atravessados por ciclos viciosos e virtuosos, e a estrutura em rede consegue identificar essas configurações circulares, em que A afeta B, B afeta C e C retroalimenta A, algo que as tabelas bidimensionais das revisões tradicionais simplesmente ocultam. Por fim, a RIRL torna explícitas as conexões Inter domínios,

visualizando as pontes que ligam achados de origem biomédica, psicológica e social e mostrando onde essas áreas disciplinares se sobrepõem.

É a identificação desses elementos sistêmicos que distingue a RIRL. Do ponto de vista epistemológico, opera-se aqui uma transição de tripla natureza: de uma lógica descritiva para uma lógica explicativa, na qual o "o quê" dá lugar ao "como" e ao "por quê"; de uma leitura estática para uma leitura dinâmica, em que fotografias independentes de estudos primários se transformam em um modelo integrado de funcionamento sistêmico; e de um raciocínio linear para um raciocínio sistêmico e complexo, que reconhece a não linearidade e a interdependência dos fenômenos da vida real. Alcança-se, assim, a validação explicativa, superando as conclusões prematuras e frágeis em evidência que Soares et al. (2014) apontam como atributos indesejáveis das sínteses tradicionais.

1.6 Proposta de Protocolo para a RIRL: Integrando Tradição e Inovação

Para garantir a reprodutibilidade e o rigor, atributos essenciais à validade da prática baseada em evidências (Mendes et al., 2008), a RIRL não descarta a metodologia clássica da RI, mas a reconfigura. Tomando como ponto de partida as seis etapas propostas por Souza, Silva e Carvalho (2010) e por Mendes, Silveira e Galvão (2008), propõe-se uma adaptação processual em que cada fase da tradição é preservada em sua função, porém reorientada pela lógica relacional.

O processo se inicia pela elaboração da pergunta norteadora, agora com foco explicitamente relacional. Diferentemente da estratégia PICO estrita, estruturada em torno de paciente, intervenção, comparação e desfecho (Ercole et al., 2014), a RIRL trabalha com questões complexas, que interrogam o ecossistema do problema.

Uma pergunta típica assumiria a seguinte forma: qual é a rede de associações causais e intervenientes relacionadas à qualidade de vida de pacientes oncológicos descrita na literatura atual? Formulada a questão, a busca na literatura conserva integralmente o rigor consolidado pelas revisões sistemáticas, com amostragem em bases de dados eletrônicas como PubMed, Scopus, Web of Science etc., uso de *strings* de busca validadas, observância das orientações do PRISMA e definição explícita de critérios de inclusão e exclusão (Sousa et al., 2018). Nessas duas primeiras etapas, portanto, a inovação está menos no procedimento do que na intenção que o orienta.

A principal alteração operativa reside na terceira etapa, a de coleta e extração de dados, que na RIRL se converte em uma extração de arestas. Em vez de preencher planilhas apenas com os atributos de cada estudo, como autor, ano, amostra e desfecho principal, o pesquisador constrói uma matriz de adjacência: extrai explicitamente os nós, isto é, a variável de origem e a variável de destino de cada relação reportada, bem como a direção e a polaridade dessa relação, registrando se uma variável aumenta, diminui, associa-se ou causa a outra. O nível de evidência metodológica do artigo pode ser igualmente extraído, passando a funcionar como peso da aresta, expresso graficamente em sua espessura. Na sequência, a análise crítica assume caráter topológico. Com o auxílio de softwares de análise de redes, como Node xl, Gephi, a matriz de relações é transformada em um grafo, no qual as métricas estruturais de centralidade, modularidade e densidade podem ser avaliadas.

Essa reconfiguração se estende às fases finais. A discussão dos resultados deixa de se organizar por blocos temáticos definidos dedutivamente e passa a acompanhar os *clusters* emergentes da própria rede, interpretando os nós de alta centralidade e intermediação e concentrando-se na proposição do modelo de mecanismos complexos revelado pelo conjunto da literatura.

A apresentação final, por sua vez, incorpora as diretrizes tradicionais de relato e os fluxogramas de seleção, mas inova ao incluir grafos e diagramas de rede, de modo que a síntese entregue ao leitor não é uma sequência de categorias descritas, e sim um modelo sistêmico do fenômeno, ao mesmo tempo visual e narrativo.

1.7 Mudança de Paradigma e uma Proposta de Trabalho

A articulação entre as validações onto-metodológica, analítica e explicativa sugere que a RIRL não é apenas uma técnica analítica aprimorada, mas uma possível e necessária mudança de paradigma na síntese do conhecimento científico. Ao deslocar o foco ontológico da agregação para a relação, o método de análise da categorização restritiva para a estrutura topológica, e o resultado epistêmico da mera descrição para a explicação e a modelagem de mecanismos, a Revisão Integrativa em Rede da Literatura redefine o próprio fazer da meta-pesquisa.

Essa redefinição pode ser reconhecida em três planos que se implicam mutuamente. O objeto da revisão deixa de ser uma biblioteca de resultados independentes e passa a ser concebido como uma teia de relações interdependentes. E o conhecimento produzido ao final já não se apresenta como uma síntese narrada, mas como um modelo dinâmico, operável pela ciência aplicada. Trata-se de uma reconfiguração que responde diretamente aos apelos históricos de autores como Whittemore e Knafl (2005) e Soares et al. (2014) por um rigor aprimorado na síntese de evidências heterogêneas, especialmente nas ciências do cuidado, na enfermagem, na saúde pública e nas ciências sociais.

Em suma, a RIRL atua como um antídoto contra o reducionismo. Ao elevar a revisão integrativa clássica à complexidade matemática das redes, ela se consolida como um instrumento epistemológico contemporâneo, capaz de mapear lacunas, direcionar pesquisas primárias mais assertivas e, acima de tudo, decodificar a complexidade inerente aos fenômenos da saúde e da sociedade moderna.

Um argumento dessa natureza, porém, não se sustenta apenas no plano conceitual; ele precisa demonstrar rendimento diante de um campo empírico real. Assim, para fins de testagem e validação desse modelo o manuscrito que se segue tem por objetivo testar a aplicação do modelo RIRL à literatura sobre Estrutura Social Cognitiva (ESC), campo inaugurado por Krackhardt (1987) para investigar as representações que os indivíduos constroem sobre suas próprias redes sociais. A escolha não é casual. A ESC é um objeto intrinsecamente relacional, cuja produção, acumulada ao longo de quase quatro décadas, encontra-se dispersa entre disciplinas, marcada por heterogeneidade terminológica e por grande variação metodológica, exatamente o tipo de configuração diante da qual a categorização temática tradicional tende a falhar. Se a RIRL for capaz de reconstruir um construto distribuído como a ESC, preservando suas interdependências teóricas e funcionais, terá oferecido evidência concreta de seu valor epistemológico. Assim, a presente dissertação procura estabelecer, os fundamentos da proposta epistemológica com o teste e a operacionalização temática da literatura sobre Estrutura Social Cognitiva.

Referências

- Barabási, A.-L. (2016). *Network science*. Cambridge University Press.
- Bertalanffy, L. von. (1968). *General system theory: Foundations, development, applications*. George Braziller.
- Booth, A., Sutton, A., & Papaioannou, D. (2016). *Systematic approaches to a successful literature review* (2nd ed.). Sage.
- Borgatti, S. P. (2005). Centrality and network flow. *Social Networks*, 27(1), 55–71.
<https://doi.org/10.1016/j.socnet.2004.11.008>
- Borgatti, S. P., & Everett, M. G. (2006). A graph-theoretic perspective on centrality. *Social Networks*, 28(4), 466–484. <https://doi.org/10.1016/j.socnet.2005.11.005>
- Borgatti, S. P., Everett, M. G., & Johnson, J. C. (2018). *Analyzing social networks* (2nd ed.). Sage.
- Capra, F. (1996). *The web of life: A new scientific understanding of living systems*. Anchor Books.
- Capra, F. (2006). *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (N. R. Eichenberg, Trad.). Cultrix. (Obra original publicada em 1996)
- da Silva Dias, T., Ramos Pontes, F. A., Cardoso de Almeida, H., dos Santos Rosa, T., Ferreira Holanda Ramos, M., & Souza da Costa Silva, S. (2020). Apoio social online entre cuidadores de crianças e jovens: Revisão integrativa em rede da literatura. *Ciencias Psicológicas*, 14(1), e-2160.
<https://doi.org/10.22235/cp.v14i1.2160>
- Emirbayer, M. (1997). Manifesto for a relational sociology. *American Journal of Sociology*, 103(2), 281–317. <https://doi.org/10.1086/231209>

- Eppler, M. J., & Mengis, J. (2004). The concept of information overload: A review of literature from organization science, accounting, marketing, MIS, and related disciplines. *The Information Society*, 20(5), 325–344.
<https://doi.org/10.1080/01972240490507974>
- Ercole, F. F., Melo, L. S., & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão integrativa versus revisão sistemática. *REME – Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 9–11.
<https://doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>
- Freeman, L. C. (1977). A set of measures of centrality based on betweenness. *Sociometry*, 40(1), 35–41. <https://doi.org/10.2307/3033543>
- Freeman, L. C. (1978). Centrality in social networks: Conceptual clarification. *Social Networks*, 1(3), 215–239. [https://doi.org/10.1016/0378-8733\(78\)90021-7](https://doi.org/10.1016/0378-8733(78)90021-7)
- Grant, M. J., & Booth, A. (2009). A typology of reviews: An analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, 26(2), 91–108. <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>
- Krackhardt, D. (1987). Cognitive social structures. *Social Networks*, 9(2), 109–134.
[https://doi.org/10.1016/0378-8733\(87\)90009-8](https://doi.org/10.1016/0378-8733(87)90009-8)
- Larsen, P. O., & von Ins, M. (2010). The rate of growth in scientific publication and the decline in coverage provided by Science Citation Index. *Scientometrics*, 84(3), 575–603. <https://doi.org/10.1007/s11192-010-0202-z>
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 17(4), 758–764.
<https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

- Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo* (3. ed., E. Lisboa, Trad.). Sulina.
(Obra original publicada em 1990)
- Newman, M. E. J. (2006). Modularity and community structure in networks.
Proceedings of the National Academy of Sciences, 103(23), 8577–8582.
<https://doi.org/10.1073/pnas.0601602103>
- Newman, M. E. J. (2018). *Networks* (2nd ed.). Oxford University Press.
- Newman, M. E. J., & Girvan, M. (2004). Finding and evaluating community structure in networks. *Physical Review E*, 69(2), Article 026113.
<https://doi.org/10.1103/PhysRevE.69.026113>
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 104, 333–339.
<https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.07.039>
- Soares, C. B., Hoga, L. A. K., Peduzzi, M., Sangaleti, C., Yonekura, T., & Silva, D. R. A. D. (2014). Revisão integrativa: Conceitos e métodos utilizados na enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 335–345.
<https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000200020>
- Sousa, L. M. M., Firmino, C. F., Marques-Vieira, C. M. A., Severino, S. S. P., & Pestana, H. C. F. C. (2018). Revisões da literatura científica: Tipos, métodos e aplicações em enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação*, 1(1), 45–54.

- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102–106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>
- Torraco, R. J. (2005). Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human Resource Development Review*, 4(3), 356–367. <https://doi.org/10.1177/1534484305278283>
- Wasserman, S., & Faust, K. (1994). *Social network analysis: Methods and applications*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511815478>
- Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: Updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, 52(5), 546–553. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>

ESTÁ PAGUA FOLIA PROESTAMENTE BRACO

2 ESTUDO 2- Revisão Integrativa em Rede da Literatura de Estrutura Social Cognitiva

Resumo

A fragmentação da literatura sobre Estrutura Social Cognitiva (ESC) limita a compreensão das inter-relações entre variáveis e mecanismos subjacentes. Esta revisão mapeou e integrou evidências empíricas de quase quatro décadas, visando identificar determinantes, vieses e consequências psicossociais da ESC. Empregou-se a Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL), com buscas em Scopus e Web of Science (84 registros; 22 artigos empíricos na síntese final). Variáveis foram modeladas como rede semântica. A análise revelou que a acurácia perceptiva ocupa posição central, sendo modulada por habilidades cognitivas, posição estrutural e acesso à informação. Os vieses cognitivos atuam como regularidades funcionais, e as representações de rede influenciam navegação social, tomada de decisão, engajamento e inclusão. Conclui-se que a ESC constitui campo interdisciplinar relevante para compreender cooperação, desempenho e inclusão em contextos organizacionais e educacionais.

Palavras-chave: Estrutura Social Cognitiva; percepção; acurácia; Revisão Integrativa em Rede da Literatura; Análise de Redes Sociais.

A Network-Based Integrative Review of Social Cognitive Structure

Abstract

The fragmentation of the literature on Cognitive Social Structure (CSS) limits the understanding of interrelationships among variables and underlying mechanisms. This review mapped and integrated empirical evidence from nearly four decades, aiming to identify determinants, biases, and psychosocial consequences of CSS. A Network-Integrated Literature Review (NILR) was employed, with searches in Scopus and Web of

Science (84 records; 22 empirical articles in the final synthesis). Variables were modeled as a semantic network. The analysis revealed that perceptual accuracy occupies a central position, being modulated by cognitive abilities, structural position, and access to information. Cognitive biases act as functional regularities, and network representations influence social navigation, decision-making, engagement, and inclusion. We conclude that CSS constitutes a relevant interdisciplinary field for understanding cooperation, performance, and inclusion in organizational and educational contexts.

Keywords: Cognitive Social Structure; perception; accuracy; Network-Integrated Literature Review; Social Network Analysis.

2.1 Introdução

A Estrutura Social Cognitiva (ESC), desde sua formalização conceitual por Krackhardt (1987), constituiu-se como um campo de investigação que desafia pressupostos convencionais da análise de redes sociais (ARS). Enquanto as abordagens tradicionais concentram-se na identificação de uma estrutura "real" ou "objetiva" de relações, tratando as percepções individuais como fontes de erro de medida, a ESC propõe uma inversão epistemológica fundamental: as representações cognitivas que os atores constroem sobre suas redes sociais não são meros reflexos imperfeitos da realidade, mas fenômenos relacionais dotados de legitimidade, determinantes próprios e consequências psicossociais específicas. Essa reorientação teórica implica reconhecer que a percepção da rede não é subsidiária à estrutura observada, mas constitui, ela mesma, um objeto de investigação central, capaz de modular comportamentos, decisões e trajetórias individuais e coletivas de modo independente da configuração objetiva dos laços.

A ARS tem tradicionalmente se apoiado na suposição de que pesquisadores podem identificar uma única estrutura de rede “verdadeira” por meio de observação direta ou da agregação de relatos de informantes (Brands, 2013; Krackhardt, 2014). Contudo, essa suposição negligencia uma realidade fundamental: indivíduos percebem estruturas sociais de maneiras diferentes, e essas percepções, por si mesmas, moldam comportamento, tomada de decisão e resultados sociais (Sewell, 2019). O desenvolvimento do modelo da ESC por David Krackhardt, em 1987, desafiou esse paradigma ao propor que as percepções individuais sobre relações em rede devem ser tratadas como dados legítimos, dignos de estudo sistemático (Krackhardt, 1987).

A ESC aborda uma lacuna central na pesquisa em redes sociais: a divergência entre as estruturas percebidas pelos indivíduos e as estruturas “reais” da rede, quando essa pode ser objetivamente estabelecida, bem como as implicações dessa discrepância para a teoria e a prática (Pittinsky & Carolan, 2008). Em vez de tratar tais diferenças perceptivas como simples erros de medida a serem reduzidos ou eliminados, a abordagem da ESC reconhece a percepção como um construto teórico legítimo e central. Assim, torna-se possível investigar como as pessoas constroem representações mentais de seu ambiente social, por que essas percepções variam sistematicamente entre indivíduos e de que maneira tais variações influenciam processos sociais e organizacionais (Brands, 2013; Heald et al., 1998; Neal, 2008, 2009).

A proposta da ESC revolucionou o campo ao legitimar cientificamente a percepção individual das redes como objeto de estudo em si. Krackhardt argumentou que as representações mentais que as pessoas têm sobre quem está conectado a quem em seu ambiente social constituem dados substantivos, e não simples ruído de medição. Seu método inovador, que coleta matrizes relacionais completas da perspectiva de cada ator

(estruturas cognitivas), gerou um paradigma tridimensional de análise (Frank, 2015; Krackhardt, 1987). Esta abordagem permite investigar sistematicamente como as pessoas constroem seus mapas relacionais, quais fatores (cognitivos, posicionais, estruturais) explicam as variações nessas percepções e, crucialmente, como tais percepções influenciam processos sociais em contextos organizacionais, educacionais e comunitários (Brands, 2013; Neal, 2008, 2009; Pittinsky & Carolan, 2008).

A estrutura de um sistema social é definida como um conjunto de declarações relacionais entre todos os pares de atores do sistema. A ESC desse sistema é conceituada como uma matriz tridimensional de ligações, R_{ijk} , entre um conjunto de N atores. Em uma coleta de dados de uma rede com N participantes, uma análise de rede social tradicional incluiria as interações $N \times N$ entre as pessoas, já na ESC, por seu caráter de matriz tridimensional, as interações são representadas por $N \times N \times N$ porque inclui as cognições de cada indivíduo sobre as interações de cada outro par de indivíduos na rede (Frank, 2015).

Os dados gerados após coleta são tratados para comparar as percepções de um indivíduo percebido (k) sobre uma possível relação (R) entre pessoa i (remetente) e pessoa j (receptor), com as percepções de outras pessoas na mesma rede (R_{ijk}). Neste contexto, Krackhardt (1987), a partir dos dados dos relatórios dos informantes, propõe três formas de agregação: fatias, que representa a percepção do indivíduo sobre a rede vista de sua perspectiva; estruturas localmente agregadas (ELA), que se concentram nas percepções que os informantes possuem sobre seus próprios relacionamentos na rede e estruturas de consenso (EC), que é representada pelas percepções de todos os indivíduos da rede sobre os relacionamentos.

Nas últimas quatro décadas, a pesquisa em ESC expandiu-se significativamente, produzindo um corpo de evidências empíricas diversificado e interdisciplinar, com contribuições da Psicologia Social e Cognitiva, Sociologia, Administração e Comunicação. Estudos têm explorado desde os determinantes da acurácia perceptiva até as consequências de vieses cognitivos, passando pelo papel mediador de posições estruturais e propriedades da rede (Godinho et al., 2024; Iorio, 2022; Marineau et al., 2018). No entanto, essa produção caracteriza-se por certa dispersão, heterogeneidade terminológica e abordagens metodológicas variadas, o que pode fragmentar a compreensão do campo.

Justamente neste ponto identifica-se uma lacuna significativa na literatura: a carência de sínteses integrativas que transcendam a mera descrição de variáveis isoladas para capturar a natureza relacional e sistêmica do conhecimento acumulado sobre a ESC. Revisões tradicionais, sejam narrativas ou sistemáticas, frequentemente não conseguem modelar explicitamente as interconexões entre as variáveis envolvidas ou categorias de variáveis e seus respectivos desfechos. Como resultado, perde-se a visão dos padrões relacionais recorrentes, dos ciclos de retroalimentação e da topologia global do conhecimento e estado de coprodução (Dias et al., 2020).

Para superar essa limitação, este estudo propõe a condução de uma Revisão Integrativa em Rede da Literatura (RIRL). A RIRL é uma abordagem metodológica inovadora que articula o rigor das revisões sistemáticas com os princípios da epistemologia das redes e da Análise de Redes (Dias et al., 2020; Oliveira et al., 2023). Nela, as evidências empíricas da literatura são modeladas como uma rede onde os vértices representam variáveis ou categorias analíticas (agregadas por função relacional) e as

arestas representam relações empíricas documentadas entre elas (e.g.: “favorece”, “medeia”, “associa-se a”).

Diante do exposto, esta revisão tem como objetivo central mapear e integrar, por meio da modelagem em rede, as evidências empíricas da literatura internacional sobre Estrutura Social Cognitiva.

2.2 Método

2.2.1 Delineamento do estudo

O presente estudo caracteriza-se como uma variação da RIRL, abordagem metodológica que articula procedimentos clássicos de revisões sistemáticas e integrativas com princípios da epistemologia das redes e da Análise de Redes. A RIRL permite integrar resultados empíricos heterogêneos por meio da modelagem das relações entre variáveis, categorias analíticas e desfechos, representando o conhecimento acumulado como uma estrutura relacional e interconectada (Dias et al., 2020; Oliveira et al., 2023).

Diferentemente de revisões narrativas ou exclusivamente descritivas, a RIRL assume que os achados da literatura podem ser compreendidos como um sistema interconectado, no qual variáveis e categorias atuam como vértices e suas associações empíricas como arestas. O estudo foi conduzido em conformidade com as recomendações do PRISMA 2020 (Page et al., 2021), incluindo *checklist* e fluxograma de seleção, assegurando transparência, reprodutibilidade e rigor metodológico.

2.2.2 Questão de pesquisa e orientação analítica

A revisão foi orientada por uma questão de pesquisa de natureza eminentemente exploratória e integrativa. A questão que norteou o estudo foi: Quais variáveis e categorias analíticas, e quais as suas relações podem ser identificadas a partir das evidências empíricas disponíveis na literatura? Independente de objetivos específicos

utilizados, população estudada e especificidades de instrumentos, a questão de pesquisa direcionou a extração e a organização das evidências para a identificação de variáveis, desfechos que pudessem ser agregados em categorias analíticas funcionalmente equivalentes,

2.2.3 Estratégia de busca e fontes de informação

As buscas bibliográficas foram realizadas nas bases Scopus e Web of Science. A coleta de dados ocorreu entre janeiro e julho de 2025. O descritor principal utilizado foi: “*Cognitive Social Structure*”. A opção por um termo mais restrito decorreu da especificidade do campo da ESC e da constatação de que descritores mais amplos introduziram elevado volume de estudos não pertinentes. Os termos deveriam constar no título, resumo ou palavras-chave dos artigos.

2.2.4 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos estudos empíricos revisados por pares que investigassem explicitamente a Estrutura Social Cognitiva ou a percepção de redes sociais ancorada no modelo proposto por Krackhardt, desde que apresentassem dados empíricos. Apenas artigos disponíveis em texto completo foram considerados elegíveis para análise. Foram excluídos estudos que não abordassem a Estrutura Social Cognitiva ou a percepção de redes sociais, bem como trabalhos de natureza exclusivamente teórica, ensaios conceituais, revisões narrativas. Essa delimitação assegurou que a rede integrativa construída refletisse exclusivamente relações empíricas descritas na literatura, em consonância com os objetivos analíticos do estudo.

2.2.5 Processo de triagem e seleção dos estudos

O processo de triagem e seleção dos estudos foi conduzido de forma sistemática e transparente, em consonância com as diretrizes do PRISMA 2020. Inicialmente, todos

os registros recuperados nas bases de dados nas quais foi feita a gestão das referências e a identificação e remoção de duplicatas.

Na etapa subsequente, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, com o objetivo de excluir estudos manifestamente não pertinentes ao escopo da pesquisa, especialmente aqueles que não abordavam a Estrutura Social Cognitiva ou a percepção de redes sociais. Os registros potencialmente elegíveis avançaram para a fase de leitura do texto completo.

A avaliação dos textos completos foi realizada à luz dos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, permitindo confirmar a elegibilidade dos estudos e assegurar sua aderência ao modelo teórico-metodológico da ESC. Ao final desse processo, os artigos considerados elegíveis foram incluídos na síntese integrativa e submetidos às etapas de extração das informações, categorização analítica e modelagem em rede.

2.2.6 Extração das informações e unidades de análise

Os artigos incluídos na revisão foram analisados integralmente e de forma independente por dois juízes, ambos com conhecimento em ESC e formação e experiência em revisão de literatura e análise relacional. A leitura concentrou-se especialmente nas seções de métodos, resultados e discussão, com o objetivo de identificar relações empíricas explicitamente descritas entre variáveis, constructos ou categorias.

Cada relação identificada foi tratada como uma unidade de análise, operacionalizada inicialmente no formato P–V–O (Problema/Variável antecedente – Variável mediadora ou moderadora – *Outcome*/Desfecho). Essa estratégia permitiu preservar o encadeamento causal ou associativo proposto pelos estudos originais, bem como o sentido relacional atribuído pelos autores às evidências empíricas (Biruel & Pinto, 2011; Souza et al., 2016).

As unidades P–V–O foram extraídas de forma independente pelos dois juízes. Nos casos em que houve discordância quanto à identificação da relação, à direção do efeito ou à classificação das variáveis, um terceiro juiz foi acionado. As decisões finais foram estabelecidas por consenso, após discussão fundamentada nos trechos originais dos artigos.

2.2.7 Construção das categorias analíticas

Após a consolidação das unidades de análise no formato P–V–O, procedeu-se à construção das categorias analíticas. Considerando a heterogeneidade terminológica e a sobreposição conceitual características do campo da Estrutura Social Cognitiva, optou-se por não adotar uma categorização baseada exclusivamente na nomenclatura utilizada pelos autores. Essa estratégia permitiu reduzir a fragmentação analítica, aumentar a comparabilidade entre estudos e modelar a literatura como um sistema relacional integrado, coerente com os pressupostos teóricos e epistemológicos da Estrutura Social Cognitiva.

As categorias analíticas foram definidas a partir da função relacional que as variáveis exercem no sistema explicativo descrito pela literatura, isto é, segundo o papel que desempenham nas dinâmicas de construção, distorção, mediação ou consequência da percepção da rede social. Assim, variáveis conceitualmente distintas, mas funcionalmente equivalentes ou pertencentes a uma categoria mais geral, puderam ser agregadas em uma mesma categoria analítica.

Esse processo de categorização também foi realizado por dois juízes independentes, com base nas unidades P–V–O previamente consensuadas. A confiabilidade do procedimento foi estimada por meio do coeficiente kappa de Cohen, calculado sobre o conjunto das decisões de categorização, o qual indicou concordância

elevada entre os dois juízes ($\kappa = 0,81$). De acordo com os critérios de Landis e Koch (1977), valores entre 0,81 e 1,00 correspondem a uma concordância quase perfeita, o que reforça a confiabilidade do procedimento de categorização adotado. Em situações de discordância quanto à função relacional atribuída a determinada variável, um terceiro juiz foi novamente acionado, e a decisão final estabelecida por consenso.

2.2.8 Modelagem da rede integrativa da literatura

A partir da tabela categorial, foi construída uma matriz de contingência entre categorias analíticas, na qual cada linha representava uma relação empírica identificada nos estudos. Essas relações foram então convertidas em uma rede de categorias, na qual: os vértices correspondem às categorias analíticas e as arestas representam associações empíricas descritas na literatura (por exemplo, “favorece”, “prejudica”, “medeia”, “associa-se a”).

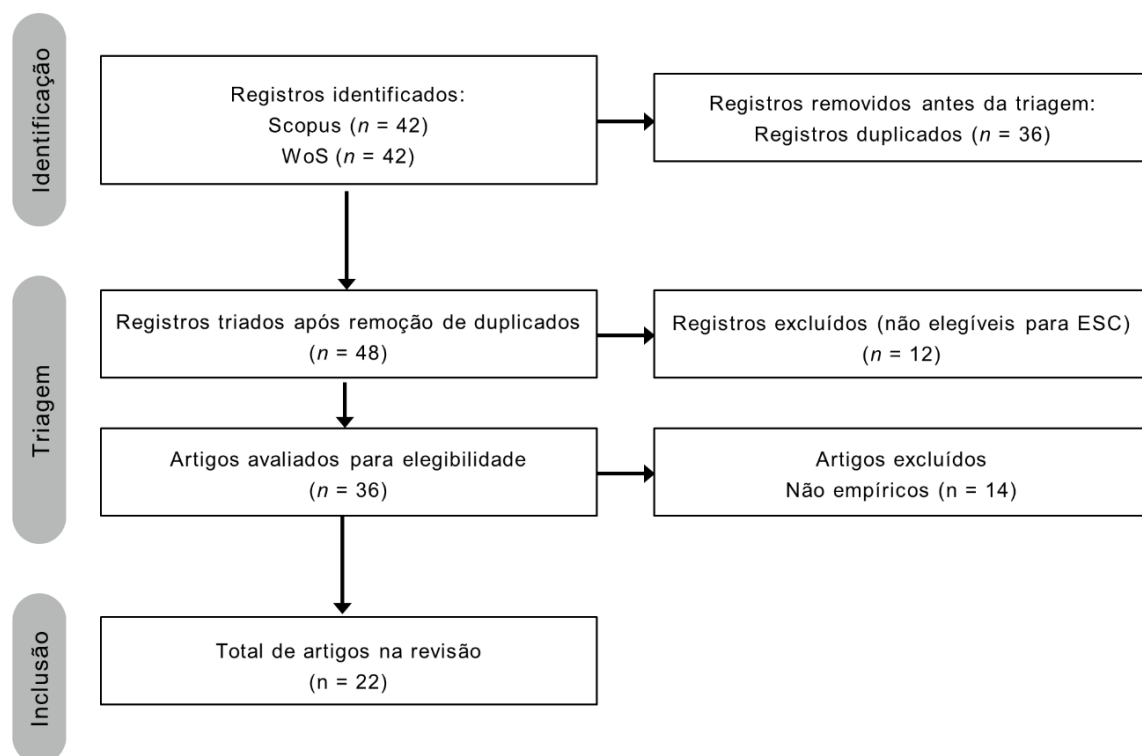
A rede resultante expressa a topologia do conhecimento produzido sobre ESC, evidenciando componentes principais, padrões de integração, caminhos recorrentes e possíveis alças de retroalimentação entre categorias. As análises de rede foram conduzidas com o auxílio do software NodeXL Pro. Foram examinadas, entre outras, as seguintes métricas: Centralidade de grau, para identificar categorias com maior número de conexões; Centralidade de intermediação (betweenness), para detectar categorias que atuam como pontes entre diferentes blocos analíticos; Componentes e densidade, para avaliar o grau de integração da rede; Conglomerados (comunidades), identificados por algoritmos de detecção de modularidade, visando mapear subconjuntos conceituais mais coesos.

3 RESULTADOS

A pesquisa inicial nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science* resultou na identificação de 84 publicações. Após a consolidação dos dados e a remoção de 36 duplicatas, 48 artigos permaneceram para análise. A etapa seguinte envolveu a leitura de títulos e resumos, o que levou à exclusão de 12 documentos não pertinentes ao tema ESC, deixando 36 artigos estritamente relacionados. Desses, 14 foram eliminados por não apresentarem dados empíricos, resultando em um conjunto final de 22 artigos empíricos que foram efetivamente analisados (Figura 1).

Figura 1

Fluxograma Prisma 2020 da revisão de artigos empíricos sobre ESC



A literatura recente sobre ESC apresenta um corpo de evidências amplo, interdisciplinar e, em grande medida, consolidado em torno de uma agenda que vai além da mera mensuração de acurácia perceptiva. Os estudos mapeados mostram uma trajetória

que se inicia no trabalho seminal de Krackhardt (1987) e outros que se seguiram na década de 90. Atualmente a literatura se estende às contribuições contemporâneas, com forte diálogo entre Psicologia do desenvolvimento, Cognitiva e Social, Sociologia, Comunicação e Administração/Escolas de Negócios. Observa-se predominância de amostras anglófonas e concentração geográfica em instituições dos Estados Unidos, 82% dos estudos estão em inglês e 59% dos estudos têm autor(es) afiliados a universidades dos EUA. Esse panorama de idioma e concentração geográfica nos Estados Unidos reforça a importância de diversificar os contextos culturais para testar a robustez dos achados.

A pesquisa em ESC é predominantemente realizada em dois grandes domínios. O contexto organizacional é o mais proeminente, respondendo por 41% dos estudos. As populações investigadas são compostas por funcionários e gestores em ambientes como empresas de manufatura (Krackhardt, 1987), bases militares (Heald et al., 1998), *call centers* (Marineau, 2017; Marineau et al., 2018) e consultorias globais (Iorio, 2022). O interesse nesses cenários é aplicar a ESC para entender fenômenos como desempenho (Iorio, 2022), avanço na carreira (Marineau, 2017) e a influência de vieses de gênero (Brands & Kilduff, 2014).

O segundo principal domínio é o contexto educacional, que representa 36% dos trabalhos. As populações estudadas são majoritariamente estudantes, desde o ensino fundamental e médio (Godinho et al., 2024; Kornbluh et al., 2025; Neal, 2008, 2009; Pittinsky & Carolan, 2008) até alunos de MBA (Brands & Kilduff, 2014) e universitários (Xu et al., 2022). Nesses ambientes, os pesquisadores exploram temas como amizade, agressão relacional (Neal, 2009), a precisão da percepção de professores (Pittinsky &

Carolan, 2008) e dinâmicas de inclusão, como no caso de alunos com TEA (Rodríguez-Medina et al., 2018).

Contextos menos frequentes, como o político (Ertan et al., 2022; Ohnishi, 2003) e o comunitário/interorganizacional (Frank, 2015; Ihm et al., 2015), somam cerca de 18% dos estudos, demonstrando a versatilidade da abordagem para analisar desde a polarização política até a difusão de normas de saúde. Um único estudo focou em um desenvolvimento puramente metodológico sem uma população empírica específica (Koskinen et al., 2023).

De um modo um tanto genérico, pode-se agrupar os objetivos da pesquisa em ESC em três categorias principais. A mais comum, presente em 45% dos estudos, é identificar os preditores e as consequências da precisão perceptiva. Esses trabalhos investigam como a acurácia ou os vieses na percepção da rede afetam resultados como desempenho (Iorio, 2022), promoções (Marineau, 2017), formação de coalizões (Xu et al., 2022) e credibilidade da informação (Sohn & Choi, 2019). O segundo grupo de objetivos (32%) foca em introduzir, validar ou comparar metodologias de ESC. Isso inclui o trabalho seminal de Krackhardt (1987), comparações entre diferentes formas de agregação de dados cognitivos (Ohnishi, 2003) e a introdução de novos conceitos como o “CASS” (Fonti et al., 2015). Por fim, 23% dos estudos têm como objetivo principal descrever e analisar a estrutura de uma rede específica, como a de amizade em uma sala de aula (Godinho et al., 2024) ou a de colaboração em um setor agrícola (Ihm et al., 2015).

Do ponto de vista metodológico, o delineamento transversal (*cross-sectional*), baseado em questionários aplicados em um único momento, continua sendo a espinha dorsal do campo, utilizado em 59% dos estudos. Essa abordagem é altamente eficaz para o mapeamento inicial das redes e para a correlação com outras variáveis, como visto em

Heald et al. (1998) e Neal (2009). No entanto, identifica-se sofisticação e diversificação metodológica. Os delineamentos longitudinais, que acompanham os participantes ao longo do tempo, aparecem em 14% dos trabalhos, permitindo uma análise mais dinâmica da formação e dos efeitos das redes (Marineau, 2017; Pittinsky & Carolan, 2008). Os estudos experimentais, que oferecem o maior controle para inferências causais, também representam 14% das pesquisas, manipulando variáveis para testar seus efeitos diretos sobre a percepção e o comportamento (Brands & Kilduff, 2014; Lee et al., 2020; Sohn & Choi, 2019). Por fim, delineamentos de estudo de caso (Rodríguez-Medina et al., 2018) e desenvolvimentos teóricos/metodológicos (Koskinen et al., 2023) completam o panorama, totalizando 13% dos trabalhos.

Para além da diversidade de cenários e populações detalhada acima, emerge um núcleo epistemológico comum que unifica o campo da Estrutura Social Cognitiva. Assim, a despeito de os estudos se passarem em escolas, empresas ou comunidades, a proposta fundamental e recorrente é a investigação dos processos cognitivos relacionais. A ontologia social subjacente a esses trabalhos, manifesta nos seus objetivos e métodos, não trata a percepção da rede como um mero reflexo imperfeito da realidade, mas como um fenômeno central com seus próprios determinantes, regras e consequências. Essa é a suposição teórica que envolve o conjunto de trabalhos da ESC. A Tabela 1 a seguir (ver Tabela 1) procura organizar a literatura resgatada de Estrutura Social Cognitiva em tríades interpretativas (P–V–O) que conectam pares de variáveis a desfechos observáveis.

A organização da tabela tomou como referência as congruências entre resultados dos artigos, desconsiderando objetivos precisos e populações estudadas, o que é facilitado pela epistemologia e ontologia que os trabalhos de ESC compartilham. Como entrada para os resultados, a descrição da tabela destaca um movimento analítico que parte da

acurácia perceptiva e do acesso informacional, avança pelos determinantes individuais e posicionais da precisão, incorpora propriedades topológicas que tornam a estrutura legível e, por fim, integra heurísticas e vieses, bem como experiências e autopercepções que modulam trajetórias de engajamento e inclusão. Em todas as linhas, o sentido é causal ou relacional-interpretativo: o primeiro termo configura a condição focal, o segundo a via de mediação/moderação e o terceiro explicita o desfecho psicossocial, de rede ou relacional.

Na Tabela 1, a acurácia da percepção de rede aparece como mecanismo de “navegação social”: quando acoplada a maior acesso informacional e a uma leitura mais fina do ambiente, associa-se a competência política e decisões relacionais mais eficazes. O argumento que emerge das evidências é que mapas mais precisos da estrutura como por exemplo, quem sabe o quê, quem conecta quem, ampliam a previsibilidade e a coordenação cotidiana (Brands & Kilduff, 2014; Krackhardt, 1987).

Tabela 1

Categorias analíticas e relações empíricas identificadas na literatura sobre Estrutura Social Cognitiva

P – Variável 1	V – Variável 2	O – Desfecho	Artigos-base
Acurácia da percepção de rede	Acesso informacional	Navegação social eficaz	Krackhardt (1987); Ohnishi (2003)
Acurácia da percepção de rede	Leitura do ambiente social	Tomada de decisão relacional mais eficaz	Krackhardt (1987); Brands & Kilduff (2014); Marineau (2016),
Estilos cognitivos individuais	Processamento de informação social	Precisão perceptiva da rede	Xu et al. (2022)
Déficits atencionais e cognitivos	Vigilância interpessoal reduzida	Menor acurácia perceptiva	Godinho et al. (2024); Krackhardt (1987);

P – Variável 1	V – Variável 2	O – Desfecho	Artigos-base
			Rodríguez-Medina et al. (2018)
Déficits atencionais e cognitivos	Percepção de isolamento	Sufrimento psicológico	Godinho et al. (2024); Kornbluh et al. (2025)
Gênero	Reconhecimento perceptivo do brokerage	Desalinhamento posição real–percebida	Brands & Kilduff (2014)
Centralidade estrutural	Exposição a informações sobre terceiros	Maior acurácia de percepção	Krackhardt (1987); Neal et al. (2016); Ihm et al (2015)
Intermediação (brokerage)	Trânsito entre subgrupos	Leitura global da rede	Pittinsky & Carolan (2008); Neal et al. (2016)
Densidade da rede	Legibilidade estrutural	Identificação de laços mais precisa	Godinho et al. (2024)
Estrutura da rede social	Produção social de conhecimento	Alinhamento de estruturas semânticas individuais	Koskinen et al. (2023)
Modularidade da rede	Clareza de fronteiras grupais	Maior acurácia relacional	Godinho et al. (2024); Neal et al. (2016)
Papéis institucionais	Visibilidade relacional	Organização cognitiva do ambiente	Lee et al. (2020); Frank (2015); Ihm et al (2015)
Projeção cognitiva	Inferência por similaridade	Superestimação de homofilia	Krackhardt (1987); Fonti et al. (2015)
Projeção cognitiva	Heurísticas sociais	Cristalização de fronteiras grupais	Pittinsky & Carolan (2008); Neal et al. (2016)
Viés de reciprocidade	Inferência de bidirecionalidade	Superestimação de apoio social	Krackhardt (1987); Marineau et al. (2018)
Experiências intergrupais positivas	Inferência de pontes sociais	Superestimação de conexões intergrupais	Kornbluh et al. (2025)
Autopercepção de centralidade	Expectativas de influência	Maior engajamento social	Marineau et al. (2018); Iorio (2022)
Autopercepção de intermediação	Scripts de visibilidade	Aumento da centralidade objetiva	Krackhardt (1987); Marineau et al. (2018)

P – Variável 1	V – Variável 2	O – Desfecho	Artigos-base
Percepção de consenso normativo	Leitura de influência	Intenções comportamentais alinhadas	Frank (2015); Lee et al. (2020); Sohn & Choi (2019)
Percepção de segregação	Sentimento de exclusão	Menor inclusão social	Godinho et al. (2024); Kornbluh et al. (2025)
Percepção de isolamento	Regulação emocional negativa	Menor engajamento acadêmico	Godinho et al. (2024)
Mapas cognitivos de rede	Definição subjetiva da situação	Consequências sociais reais	Krackhardt (1987); Neal (2009); Koskinen et al. (2023); Neal (2008); Ertan et al. (2022)
Erros regulares de percepção	Redução da complexidade cognitiva	Coordenação social funcional	Pittinsky & Carolan (2008); Marineau et al. (2018)

Pode-se verificar na Tabela 1 que parte dos trabalhos tratam de determinantes individuais da precisão perceptiva e seus desfechos afetivo-comportamentais (para nossos fins chamaremos de psicossociais). Estilos cognitivos que favorecem o processamento de informação social sustentam maior sensibilidade a pistas relacionais e, com isso, aumentam a precisão do mapa percebido; no polo oposto, déficits atencionais reduzem vigilância interpessoal, comprimem a cobertura informacional e se associam a menor acurácia, além de alimentar percepções de isolamento que se conectam a sofrimento psicológico (Godinho et al., 2024; Kornbluh et al., 2025; Xu et al., 2022). Esses trabalhos consolidam a ideia de que capacidades cognitivas funcionam como condições de possibilidade para a leitura da rede, com efeitos claros sobre bem-estar e participação.

Por outro lado, aspectos do posicionamento na rede e de estrutura favorecem a percepção. Posições com maior centralidade expõem o ator a mais informações de terceiros, incrementando a acurácia; já a intermediação (*brokerage*) amplia o trânsito entre módulos e favorece uma leitura global de fronteiras e caminhos alternativos (Krackhardt, 1987; Neal et al., 2016; Pittinsky & Carolan, 2008). A literatura também

revela que desalinhamentos entre posição objetiva e reconhecimento perceptivo do papel de ponte, modulados por fatores como gênero, introduzem assimetrias entre estar em ponte e ser percebido como tal (Brands & Kilduff, 2014).

As propriedades topológicas aparecem na sequência como condições que aumentam a legibilidade estrutural. Em redes com maior densidade e modularidade, a repetição de interações e a clareza de fronteiras comunitárias funcionam como pistas de inferência, favorecendo identificação mais precisa de laços e padrões; papéis institucionais, por sua vez, aumentam visibilidade relacional e reduzem ambiguidade interpretativa, organizando cognitivamente o ambiente (Frank, 2015; Ihm et al., 2015; Lee et al., 2020; Neal et al., 2016). Como uma expansão empírica da ESC, a estrutura da rede, ou seja, os laços sociais entre atores moldam suas estruturas cognitivas (redes semânticas), promovendo reprodução e transformação coletiva de conhecimento através de mecanismos de contágio conceitual, seleção de associações semânticas e recombinação mediada socialmente (Koskinen et al., 2023). Esse conjunto de linhas sustenta a tese de que “a estrutura favorece o perceber”.

Há outra linha de trabalhos que compartilham a descrição de heurísticas e vieses como mecanismos de compressão de complexidade. A projeção cognitiva, por inferência por similaridade, leva à superestimação de homofilia e à cristalização de fronteiras; o viés de reciprocidade induz a supor bidirecionalidade onde há assimetria, inflando a percepção de apoio; e a experiência com relações adversas está associada a melhor mapeamento da estrutura social (Fonti et al., 2015; Krackhardt, 1987; Marineau et al., 2018; Neal et al., 2016; Pittinsky & Carolan, 2008; Xu et al., 2022). Longe de “ruídos” aleatórios, tais distorções funcionam como atalhos que estabilizam a ação sob restrições atencionais, embora produzam “pontos cegos” previsíveis.

As experiências relacionais e autopercepções compõem um bloco de pesquisas dedicado a alças de retroalimentação. Contatos intergrupais positivos expandem a inferência de pontes e favorecem leituras mais porosas das fronteiras; autopercepções de centralidade e de intermediação elevam expectativas de visibilidade e influência e se conectam a maior engajamento, com possibilidade de ganhos posicionais objetivos ao longo do tempo; percepções de segregação e isolamento, por outro lado, alimentam sentimentos de exclusão e menor participação acadêmica e social (Godinho et al., 2024; Iorio, 2022; Kornbluh et al., 2025; Krackhardt, 1987; Marineau et al., 2018). Em paralelo, a leitura de consenso normativo emerge como forte preditor de intenções alinhadas, explicitando o papel da pressão informacional na coordenação coletiva (Frank, 2015; Lee et al., 2020; Sohn & Choi, 2019).

Em termos dos efeitos psicossociais, há trabalhos que revelam que os mapas cognitivos de rede operam como definição subjetiva da situação, com consequências reais sobre desempenho, relações e trajetórias (Ertan et al., 2022; Koskinen et al., 2023; Krackhardt, 1987; Neal, 2008, 2009). Em complemento, a categoria “erros regulares” sublinha que a redução da complexidade cognitiva pode sustentar coordenação funcional, ainda que à custa de exatidão em certos contextos (Marineau et al., 2018; Pittinsky & Carolan, 2008).

3.1 Revisão integrativa de rede da ESC

A extração das variáveis em nível micro é uma etapa necessária em revisões integrativas da literatura, contudo apresenta dificuldades para os objetivos analíticos da presente RIRL. A despeito da quantidade de referências resgatadas, a literatura sobre ESC é marcada pela sobreposição entre construtos, o que tende a gerar uma síntese excessivamente fragmentada quando as variáveis são tratadas como unidades analíticas

independentes. Assim, a análise exclusivamente baseada em variáveis produz redes fragmentadas e pouco interpretáveis, dificultando a identificação de mecanismos, níveis analíticos e fluxos entre antecedentes, mediadores e desfechos.

Diante disso, as variáveis extraídas foram agregadas em categorias analíticas, definidas a partir da função relacional que exercem no modelo de Estrutura Social Cognitiva descrito pela literatura. Assim, variáveis que atuam como condições antecedentes da percepção da rede foram agrupadas como determinantes individuais; aquelas que operam como heurísticas ou distorções sistemáticas da percepção foram organizadas como vieses cognitivos; propriedades mensuráveis da rede social real foram reunidas na categoria Posição e estrutura objetiva da rede; e os efeitos decorrentes da percepção da rede foram classificados como consequências psicossociais. A acurácia perceptiva foi tratada como uma categoria integradora, por representar o ponto de convergência entre cognição individual e estrutura social. A Tabela 2 sintetiza as categorias analíticas utilizadas na RIRL, as variáveis empíricas que as compõem, suas definições integradas e a função que exercem no modelo relacional proposto.

Tabela 2

Categorias Analíticas, Variáveis, Definições e Função no Modelo Relacional (ESC)

Categoria analítica	Variáveis incluídas	Definição sintética (integrada)	Função no modelo relacional
Determinantes cognitivos e individuais	Habilidades cognitivas; Atenção; Vigilância interpessoal; Estilos cognitivos; Déficits atencionais	Conjunto de capacidades e limitações cognitivas individuais relacionadas ao processamento, monitoramento e atualização de informações sociais e relacionais	Funcionam como condições antecedentes que possibilitam ou restringem a construção de mapas cognitivos da rede

Categoria analítica	Variáveis incluídas	Definição sintética (integrada)	Função no modelo relacional
Vieses cognitivos	Projeção cognitiva; Viés de reciprocidade; Erros regulares de percepção	Heurísticas e distorções sistemáticas utilizadas na inferência de relações sociais, que simplificam a complexidade da rede ao custo de imprecisões consistentes	Operam como mecanismos mediadores, traduzindo limitações cognitivas em padrões previsíveis de percepção da rede
Posição e Estrutura da rede	Centralidade; Intermediação (<i>brokerage</i>); Densidade; Modularidade; Segregação estrutural	Propriedades estruturais mensuráveis da rede social real que organizam o fluxo de informações e a legibilidade do ambiente relacional	Atua como campo informacional e contexto estruturante, facilitando ou limitando a acurácia perceptiva e modulando vieses
Acurácia perceptiva	Correspondência entre rede percebida e rede objetiva; Precisão perceptiva; Consistência dos mapas cognitivos	Grau de alinhamento entre a representação cognitiva da rede social e sua configuração estrutural objetiva	Funciona como nó integrador entre cognição individual, estrutura social e comportamento
Consequências Psicossociais	Engajamento social; Inclusão social; Desempenho social/acadêmico; Autopercepção de centralidade; Percepção de isolamento; Sofrimento psicológico	Conjunto de efeitos comportamentais, relacionais e psicossociais decorrentes da forma como a rede social é percebida e interpretada	Representam os desfechos finais do sistema, influenciando a ação social e retroalimentando a estrutura

Quando as relações entre as categorias são configuradas em termos de rede pode obter uma análise em rede integrativa da literatura sobre Estrutura Social Cognitiva. Na Figura 2, percebe-se uma topologia predominantemente integrada, organizada em um componente único que articula determinantes cognitivos individuais, vieses cognitivos, propriedades estruturais da rede objetiva, acurácia perceptiva e consequências comportamentais. Em termos quantitativos, a rede direcionada resultante é composta por 7 vértices e 10 arestas, organizados em um único componente conectado, com densidade

de 0,24, diâmetro (distância geodésica máxima) de 3 e distância geodésica média de 1,43. A acurácia perceptiva apresentou os maiores valores de centralidade de grau (grau de entrada = 3; grau de saída = 3) e de centralidade de intermediação (19), seguida pelos vieses cognitivos e pela posição e estrutura, o que corrobora quantitativamente a topologia integrada descrita. As métricas obtidas para cada categoria são sintetizadas na Tabela 3. Essas unidades analíticas são discutidas com mais detalhes a seguir.

Figura 2

Rede de categorias integradoras e suas principais relações presentes na literatura de Estrutura Social Cognitiva

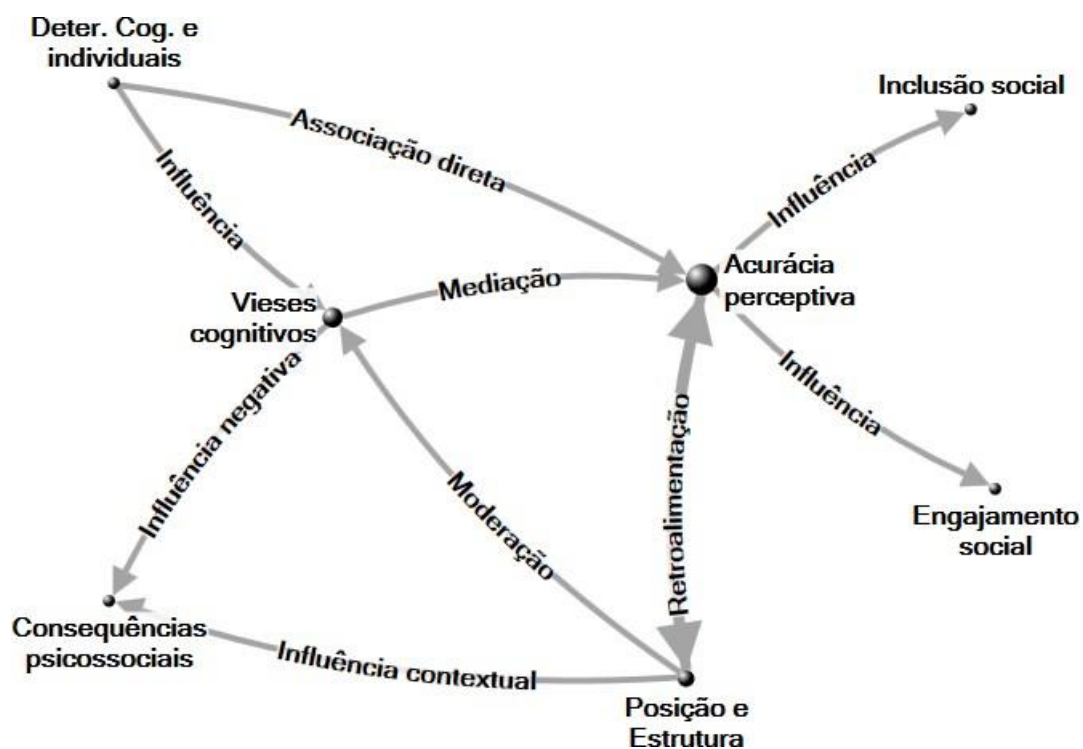


Tabela 3

Métricas da Rede Integrativa de Categorias da Literatura de ESC

Categoria (vértice)	Grau de entrada	Grau de saída	Intermediação	Proximidade	Autovetor	Coefficiente de aglomeração
Determinantes cognitivos e individuais	0	2	0	0,600	0,337	0,500
Vieses cognitivos	2	2	6	0,750	0,518	0,333
Acurácia perceptiva	3	3	19	0,857	0,526	0,100
Posição e estrutura	1	3	3	0,667	0,436	0,333
Engajamento social	1	0	0	0,500	0,170	0,000
Inclusão social	1	0	0	0,500	0,170	0,000
Consequências psicossociais	2	0	0	0,500	0,308	0,500

Nota. Rede direcionada com 7 vértices, 10 arestas e um único componente conectado. Densidade do grafo = 0,24; diâmetro (distância geodésica máxima) = 3; distância geodésica média = 1,43. Métricas calculadas com o software NodeXL Pro.

Acurácia perceptiva e o acesso informacional: como se pode perceber na Figura 2, a acurácia da percepção de rede emerge como um dos vértices mais centrais do sistema integrado. Desde a validação seminal do método por Krackhardt (1987), a precisão perceptiva tem sido operacionalizada como o grau de correspondência entre a rede percebida e a rede objetiva, sendo interpretada como indicador indireto de acesso informacional privilegiado. Esses achados sustentam a relação consistente entre acurácia perceptiva, navegação social eficaz e desempenho em contextos organizacionais e coletivos complexos. Estudos posteriores reforçam essa associação ao indicar que indivíduos com maior precisão perceptiva identificam com maior clareza padrões de influência, coalizões e canais informais de comunicação são favorecidos em decisões

relacionais estratégicas, como aproximações seletivas e gestão de conflitos (Brands & Kilduff, 2014).

No nível individual, a literatura indica que a percepção de redes é profundamente modulada por estilos cognitivos e capacidades de processamento de informação social. Xu et al. (2022) demonstram que diferenças individuais em orientação cognitiva (por exemplo, analítica versus holística) afetam a forma como os atores codificam e integram informações relacionais, resultando em variações sistemáticas na precisão perceptiva.

Em contextos educacionais, evidências mostram que limitações atencionais e cognitivas reduzem a vigilância interpessoal e a capacidade de monitorar relações entre terceiros. Godinho et al. (2024) identificam que déficits atencionais associam-se a menor acurácia na percepção de amizades e configurações estruturais do grupo. Kornbluh et al. (2025) complementam esse achado ao demonstrar que tais distorções perceptivas se conectam a maior sofrimento psicológico, indicando um caminho relacional entre cognição social, leitura da rede e saúde mental. Esses resultados reforçam, por sua vez, que a acurácia perceptiva não é apenas uma habilidade técnica, mas um recurso cognitivo socialmente relevante, sensível a condições neurocognitivas e desenvolvimentais.

- Vieses cognitivos como regularidades estruturais: Um dos achados centrais da integração em rede é que as imprecisões perceptivas assumem a forma de vieses regulares, e não de erros aleatórios. O viés de projeção cognitiva aparece de maneira robusta, conectando inferência por similaridade à superestimação de homofilia (Fonti et al., 2015; Krackhardt, 1987) mostram que indivíduos tendem a “completar” lacunas perceptivas projetando seus próprios padrões relacionais sobre a rede alheia.

Esse mesmo mecanismo, quando associado a heurísticas sociais, contribui para a cristalização de fronteiras grupais, reforçando divisões simbólicas entre subgrupos (Neal

et al., 2016; Pittinsky & Carolan, 2008). O viés de reciprocidade, amplamente documentado, conecta a inferência de bidirecionalidade à superestimação de apoio social, criando expectativas relacionais que nem sempre se confirmam empiricamente (Krackhardt, 1987; Marineau et al., 2018).

Os chamados erros regulares de percepção refletem, por sua vez, estratégias adaptativas de redução da complexidade cognitiva, permitindo coordenação social funcional em ambientes densos e dinâmicos, ainda que ao custo de distorções previsíveis (Marineau et al., 2018; Pittinsky & Carolan, 2008).

- Posições e estrutura (Centralidade de intermediação, densidade e modularidade):

A análise integrada da literatura mostra que a “estrutura objetiva” tal como posições estruturais na rede objetiva operam como facilitadores ou constrangimentos à percepção acurada. Krackhardt (1987) demonstrou que atores estruturalmente centrais tendem a apresentar maior precisão perceptiva devido à exposição ampliada a informações indiretas. Por sua vez, Neal et al. (2016) indicaram que centralidade de grau e proximidade aumentam a probabilidade de observação de interações alheias, favorecendo julgamentos mais corretos sobre a rede.

A intermediação ocupa papel destacado nesse sistema. Pittinsky e Carolan (2008) demonstram que brokers desenvolvem mapas cognitivos mais integrados, pois transitam entre subgrupos e acessam narrativas múltiplas sobre a estrutura social. No entanto, Neal et al. (2016) indicam que a vantagem perceptiva depende do reconhecimento social da posição ocupada. Nesse sentido, Brands e Kilduff (2014) mostram que fatores sociais, como gênero, modulam o alinhamento entre posição estrutural objetiva e posição percebida. Mulheres em posições de brokerage tendem a ter sua intermediação sub-

reconhecida, produzindo desalinhamento entre posição real e percebida, com implicações diretas para influência e oportunidade.

A literatura também indica que características globais da rede modulam sua legibilidade cognitiva. Redes mais densas oferecem maior redundância informacional, o que pode facilitar a confirmação de laços, enquanto níveis mais elevados de modularidade tornam fronteiras grupais mais salientes, favorecendo a identificação correta de pertencimentos e divisões (Godinho et al., 2024; Neal et al., 2016).

Além disso, papéis institucionais formalizados e normas explícitas aumentam a visibilidade relacional e reduzem ambiguidades interpretativas. Frank (2015) demonstra que, em contextos escolares, a clareza normativa facilita a leitura de quem influencia quem, enquanto Lee et al. (2020) mostram que estruturas institucionais organizam cognitivamente o ambiente social, orientando expectativas e comportamentos.

- Consequências psicossociais, ciclos auto reforçados: A integração da literatura revela que as percepções de rede produzem efeitos comportamentais cumulativos em termos de consequências psicossociais. Marineau et al. (2018) mostram que a autopercepção de centralidade ativa expectativas de influência e promove maior engajamento, enquanto Iorio (2022) demonstra que esses “estados psicológicos” mediam a passagem da percepção à ação, favorecendo participação, visibilidade e integração de ideias.

A autopercepção de intermediação também ativa scripts comportamentais específicos, que podem, ao longo do tempo, transformar a posição percebida em posição objetiva (Krackhardt, 1987; Marineau et al., 2018), configurando no nosso entender, ciclos de retroalimentação. No plano normativo, a percepção de consenso emerge como forte preditor de intenções comportamentais, frequentemente superando atitudes individuais isoladas (Frank, 2015; Lee et al., 2020; Sohn & Choi, 2019).

Em contextos educacionais, percepções de segregação e isolamento associam-se consistentemente a menor inclusão social, menor engajamento acadêmico e maior sofrimento psicológico, reforçando o papel regulatório dos mapas cognitivos na experiência social (Godinho et al., 2024; Kornbluh et al., 2025).

Por outro lado, os mapas cognitivos de rede funcionam como mecanismos centrais de definição subjetiva da situação, produzindo consequências sociais objetivas. Neal (2009) mostra que decisões baseadas em redes percebidas orientam comportamento mesmo quando a estrutura objetiva diverja, corroborando a proposição de Krackhardt (1987) de que a rede percebida é psicologicamente real.

4 DISCUSSÃO

A perspectiva integradora da literatura de ESC, revelou uma arquitetura causal coerente onde determinantes cognitivos e estruturais modulam a acurácia perceptiva, mediando consequências psicossociais, e vieses cognitivos operam como regularidades funcionais transversais. A topologia observada sugere um sistema dinâmico, no qual cognição individual, estrutura objetiva da rede e ação social se co-produzem ao longo do tempo.

No sistema teórico proposto, a acurácia perceptiva ocupa posição central por atuar como interface entre diferentes níveis analíticos. Ela não constitui um atributo individual isolado nem mero efeito da posição estrutural, mas emerge da interação entre capacidades cognitivas, oportunidades informacionais e propriedades da rede, indicando que perceber a rede é um processo situado.

Sob uma perspectiva relacional, a estrutura deixa de ser apenas contexto e passa a configurar possibilidades cognitivas. Características como densidade, modularidade e organização institucional moldam os tipos de inferência possíveis, sugerindo uma

coprodução entre legibilidade estrutural e economia cognitiva, na qual a forma da rede orienta seu próprio conhecimento.

A integração em rede da literatura permite compreender os vieses cognitivos como regularidades relacionais, e não como falhas individuais. A posição dos vieses conectando com determinantes cognitivos, estrutura objetiva e consequências psicossociais, indica que heurísticas como projeção e reciprocidade atuam como mecanismos de "estabilização da ação" em contextos de incerteza, reduzindo a ambiguidade social por meio de simplificações que viabilizam coordenação mesmo diante de informação limitada. Essa interpretação desloca o foco da precisão absoluta para a funcionalidade relacional da percepção, na qual erros regulares podem operar como soluções adaptativas à complexidade da vida em rede, sustentando engajamento, alinhamento normativo e coordenação coletiva.

A análise também evidencia ciclos de retroalimentação entre percepção, autopercepção e ação: mapas cognitivos não apenas refletem, mas contribuem para produzir a estrutura social. Percepções de centralidade podem favorecer maior visibilidade e influência, enquanto percepções de isolamento tendem a reforçar retraimento e redução de oportunidades relacionais, configurando dinâmicas autoalimentadas.

Por fim, os achados reforçam o potencial da Estrutura Social Cognitiva como ponte entre psicologia social, análise de redes e sociologia relacional, ao evidenciar configurações interdependentes nas quais dimensões cognitivas, estruturais e afetivas adquirem sentido apenas em relação mútua.

5 CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo mapear e integrar, por meio de uma RIRL, as evidências empíricas produzidas ao longo de quase quatro décadas sobre a Estrutura Social Cognitiva (ESC). Ao adotar uma abordagem relacional e sistêmica, o trabalho buscou superar a fragmentação conceitual e analítica que caracteriza o campo, organizando a literatura não a partir de variáveis isoladas, mas segundo a função relacional que estas exercem nos processos de percepção, interpretação e ação social.

Do ponto de vista metodológico, a RIRL demonstrou-se uma ferramenta eficaz para sintetizar literatura relacionalmente complexa, transformando achados dispersos em uma estrutura visual e analiticamente operável. A modelagem em rede permitiu identificar nós centrais, relações de mediação e lacunas estruturais que revisões narrativas convencionais dificilmente capturariam.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a restrição às bases Scopus e Web of Science, o que pode ter excluído estudos relevantes indexados em outras bases. Adicionalmente, a predominância de estudos em inglês e de amostras norte-americanas limita a generalização dos achados para outros contextos culturais.

Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar a diversidade cultural e linguística das amostras investigadas, desenvolver estudos longitudinais e experimentais que possibilitem testar as relações causais identificadas na rede integrativa, investigar o papel das redes digitais e das plataformas de comunicação mediada na modulação das percepções de rede, bem como explorar a dimensão adaptativa e regulatória das representações cognitivas de rede em contextos de alta complexidade social.

Em síntese, esta RIRL demonstra que perceber a rede constitui um processo relacional central na vida social. A Estrutura Social Cognitiva evidencia que os mapas

cognitivos não apenas orientam a ação, mas também participam da construção da própria estrutura social. Ao integrar cognição, estrutura e ação em um mesmo sistema analítico, o estudo fortalece a ESC como um campo teórico-metodológico interdisciplinar relevante.

Referências

- Biruel, E. P., & Pinto, R. (2011). Bibliotecário: Um profissional a serviço da pesquisa. In Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (Vol. 7). Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições.
- Brands, R. A. (2013). Cognitive social structures in social network research: A review. *Journal of Organizational Behavior*, 34(S1), S82–S103.
<https://doi.org/10.1002/job.1890>
- Brands, R. A., & Kilduff, M. (2014). Just like a woman? Effects of gender-biased perceptions of friendship network brokerage on attributions and performance. *Organization Science*, 25(5), 1530–1548. <https://doi.org/10.1287/orsc.2013.0880>
- Dias, T. S., Pontes, F. A. R., Almeida, H. C., Rosa, T. S., Ramos, M. F. H., & Silva, S. S. C. (2020). Apoio social online entre cuidadores de crianças e jovens: Revisão integrativa em rede da literatura. *Ciencias Psicológicas*. Publicação antecipada online. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i1.2160>
- Ertan, G., Çarkoğlu, A., & Aytaç, S. E. (2022). Cognitive political networks: A structural approach to measure political polarization in multiparty systems. *Social Networks*, 68, 118–126. <https://doi.org/10.1016/j.socnet.2021.05.004>
- Fonti, F., Maoret, M., & Whitbred, R. (2015). Cognitive categorization and network perception: Cognitive aggregated social structures in opaque networks. In *Cognition and strategy* (pp. 147–179). Emerald Group Publishing.
<https://doi.org/10.1108/S0742-332220150000032005>

- Frank, L. (2015). Social norms about a health issue in work group networks. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 12(9), 11621–11639. <https://doi.org/10.3390/ijerph120911621>
- Godinho, R. C. S., Silva, S. S. C., Amoras, J. D. F., Farias, Y. B., & Pontes, F. A. R. (2024). Cognitive social structures in context of high school classroom. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 40, e40308. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e40308.en>
- Heald, M. R., Contractor, N. S., Koehly, L. M., & Wasserman, S. (1998). Formal and emergent predictors of coworkers' perceptual congruence on an organization's social structure. *Human Communication Research*, 24(4), 536–563. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1998.tb00430.x>
- Ihm, J., Shumate, M., Bello-Bravo, J., Baumgartner, S., Rivera, R., & Kaminski, K. (2015). How do service providers and clients perceive interorganizational networks? *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 26(5), 1769–1785. <https://doi.org/10.1007/s11266-014-9515-5>
- Iorio, A. (2022). Brokers in disguise: The joint effect of actual brokerage and socially perceived brokerage on network advantage. *Administrative Science Quarterly*, 67(3), 769–820. <https://doi.org/10.1177/00018392221092242>
- Kornbluh, M., Neal, J. W., Simpson, S. B., Hart, M., & Kulyk, K. (2025). What predicts children's perceptions of intergroup connections within the classroom? A social networks-based approach. *Applied Developmental Science*, 29(4), 357–372. <https://doi.org/10.1080/10888691.2024.2350417>

- Koskinen, J., Jones, P., Medeuov, D., Antonyuk, A., Puzyreva, K., & Basov, N. (2023).
Analysing networks of networks. *Social Networks*, 74, 102–117.
<https://doi.org/10.1016/j.socnet.2023.02.002>
- Krackhardt, D. (1987). Cognitive social structures. *Social Networks*, 9(2), 109–134.
[https://doi.org/10.1016/0378-8733\(87\)90009-8](https://doi.org/10.1016/0378-8733(87)90009-8)
- Krackhardt, D. (2014). A preliminary look at accuracy in egonets. In *Contemporary perspectives on organizational social networks* (pp. 277–293). Emerald Group Publishing. [https://doi.org/10.1108/S0733-558X\(2014\)0000040014](https://doi.org/10.1108/S0733-558X(2014)0000040014)
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33(1), 159–174. <https://doi.org/10.2307/2529310>
- Lee, D. S., Stahl, J. L., & Bayer, J. B. (2020). Social resources as cognitive structures: Thinking about a dense support network increases perceived support. *Social Psychology Quarterly*, 83(4), 405–422.
<https://doi.org/10.1177/0190272520939506>
- Marineau, J. E. (2017). Trust and distrust network accuracy and career advancement in an organization. *Group & Organization Management*, 42(4), 487–520.
<https://doi.org/10.1177/1059601115627529>
- Marineau, J. E., Labianca, G., Brass, D. J., Borgatti, S. P., & Vecchi, P. (2018). Individuals' power and their social network accuracy: A situated cognition perspective. *Social Networks*, 54, 145–161.
<https://doi.org/10.1016/j.socnet.2018.01.006>
- Neal, J. W. (2008). “Cracking” the missing data problem: Applying Krackhardt's cognitive social structures to school-based social networks. *Sociology of Education*, 81(2), 140–162. <https://doi.org/10.1177/003804070808100202>

- Neal, J. W. (2009). Network ties and mean lies: A relational approach to relational aggression. *Journal of Community Psychology*, 37(6), 737–753.
<https://doi.org/10.1002/jcop.20328>
- Neal, J. W., Neal, Z. P., & Cappella, E. (2016). Seeing and being seen: Predictors of accurate perceptions about classmates' relationships. *Social Networks*, 44, 1–8.
<https://doi.org/10.1016/j.socnet.2015.07.002>
- Ohnishi, Y. (2003). Nettowāku ninchi no “seikakusa” to wa nani ka [What is the “accuracy” of network cognition?]. *Riron to Hōhō [Sociological Theory and Methods]*, 18(1), 53–70. <https://doi.org/10.11218/ojjams.18.53>
- Oliveira, L. S. M., Costa, E. F., Brito, S. F. S., Pontes, F. A. R., & Silva, S. S. C. (2023). Parental stress and associated symptoms in premature babies' parents: A systematic review. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 40, e210114.
<https://doi.org/10.1590/1982-0275202340e210114>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372, n71.
<https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Pittinsky, M., & Carolan, B. V. (2008). Behavioral versus cognitive classroom friendship networks: Do teacher perceptions agree with student reports? *Social Psychology of Education*, 11(2), 133–147. <https://doi.org/10.1007/s11218-007-9046-7>

- Rodríguez-Medina, J., Rodríguez-Navarro, H., Arias, V., Arias, B., & Anguera, M. T. (2018). Non-reciprocal friendships in a school-age boy with autism: The ties that build? *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(9), 2980–2994.
<https://doi.org/10.1007/s10803-018-3575-0>
- Sewell, D. K. (2019). Latent space models for network perception data. *Network Science*, 7(2), 160–179. <https://doi.org/10.1017/nws.2019.1>
- Sohn, D., & Choi, S. (2019). Social embeddedness of persuasion: Effects of cognitive social structures on information credibility assessment and sharing in social media. *International Journal of Advertising*, 38(6), 824–844.
<https://doi.org/10.1080/02650487.2018.1536507>
- Souza, P. B. M., Ramos, M. S., Pontes, F. A. R., & Silva, S. S. C. (2016). Coparenting: A study of systematic literature review. *Estilos da Clínica*, 21(3), 700–720.
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i3p700-720>
- Xu, Y., Xu, H., & Zhu, X. (2022). Seeing networks clearly: The influence of holistic-analytic thinking styles on network perception and coalition formation. *Journal of Systems Science and Information*, 10(3), 235–256.
<https://doi.org/10.21078/JSSI-2022-235-22>